ArReDia



Universidade Federal da Grande Dourados
Dourados, Mato Grosso do Sul
Jan./Jun. de 2018 – Vol.7, N.12
ISSN: 2316-6169

ArReDia

Faculdade de Comunicação, Artes e Letras
Universidade Federal da Grande Dourados

Vol. 7, N. 12

Janeiro/ Junho de 2018

ISSN: 2316-6169

ArReDia

Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

Reitora
Liane Maria Calarge

Vice-reitor
Marcio Eduardo de Barros

Diretor da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras
Rogério Silva Pereira

Coordenadoria editorial da UFGD
Rodrigo Garófallo Garcia

Técnico de apoio da Editora UFGD
Givaldo da Silva Filho

Editor-chefe da Revista Arredia
Milenne Biasotto

Editores executivos
Eliane Aparecida Miqueletti (UFGD), Milenne Biasotto (UFGD), Mônica Alvarez Gomes (UFMS), Rosana Budny (UFGD) Rute Izabel Simões Conceição (UFGD)

Conselho Editorial
Agnaldo José Gonçalves (UNESP), Célia Regina Delácio Fernandes (UFGD), Désirée Motta Roth (UFSM), Escritor Emanoel Marinho (UFGD), Lúcia Santaella (PUC/SP), Marisa Lajolo (UNICAMP), Vilson José Leffa (UCPEL), Wagner Cintra (UNESP), Wagner Corsino (UFMS)

Consultores *ad hoc*
Anailton Gama (UEMS), Andre Rezende Benatti (UEMS), Aulus Martins (UFPel), Bruno Maroneze (UFGD), Cristina Batista Araújo (UFMT), Eliane Aparecida Miqueletti (UFGD), Gustavo Vargas Cohen (UFRGS), Jeane Lucas (FAB), Letícia de Araújo Gonçalves (Colégio Franciscano Santa Izabel), Luiz Eduardo da Silva Andrade (UFMG), Milenne Biasotto (UFGD), Monica Gomes (UFMS), Patrícia Marcuzzo (UFSM), Paula Daniela Bianchi (UBA), Paulo Gerson Rodrigues Stefanello (UEMS), Tiago Marques Luis (UFU)

Layout de páginas
Milenne Biasotto

ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

Sumário

Artigos

UNIDADES FRASEOLÓGICAS COM ZOÔNIMOS (UFz) E AS ABONAÇÕES **6 - 19**
Gabrielly Gomes Leite (UFGD)
Rosana Budny (UFGD)

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR: UM OLHAR DISCURSIVO PARA O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA **20 - 32**
Luiz Antônio Xavier Dias (UENP)
Aldimeres Ferraz da Silva (SED-PA)

NOTAS SOBRE OS PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE INDÍGENAS TERENAS NAS REDES SOCIAIS **33 -44**
Nair Cristina Carlos de Medeiros (UFGD)
Claudete Cameschi de Souza (UFMS)

MURILO RUBIÃO, LEITOR: AS RESSONÂNCIAS MITOLÓGICAS PRESENTES EM *TELECO, O COELHINHO* **45 -65**
Amanda Naves Berches (UNIFAL)
Wellington Ferreira Lima (UNIFAL)

DISCUSSÕES ACERCA DA LITERAURA NO CONTO "A BIBLIOTECA DE BABEL", DE JORGE LUIS BORGES **66 -78**
Geniane Diamante Ferreira (UEM)

Resenhas
WORD FORMATION AND TRANSPARENCY IN MEDICAL ENGLISH **79 - 86**
Bruno Maroneze

Poemas
MINIMA **87 - 88**
Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque

ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

Apresentação - volume 7, número 12 - 2018 - Revista Arredia

A Revista Arredia, em seu volume 7, nº 12, apresenta um artigo na área de Língua Inglesa, dois artigos na Área de Linguística, dois artigos na Área de Literatura, uma Resenha e um Poema. Os autores deste volume são oriundos de diversas instituições de ensino nacionais, e seus trabalhos foram avaliados positivamente por pares.

No primeiro artigo, intitulado *Unidades fraseológicas com zoônimos (UFz) e as abonações*, Gabrielly Gomes Leite (UFGD) e Rosana Budny (UFGD) investigam as unidades fraseológicas com zoônimos (UFz) em dicionários bilíngues escolares, com o intuito de proporcionar melhor entendimento dos significados das UFz para estrangeiros que aprendem nossa língua. O trabalho pretende contribuir para a melhoria da organização de dicionários na contextualização das UFz.

Na parte dedicada à Linguística, dois artigos tomam como referencial a Análise do Discurso Francesa. *Reflexões sobre a leitura e a formação do sujeito leitor: um olhar discursivo para o livro didático de língua portuguesa,* de autoria de Luiz Antônio Xavier Dia (UENP) e Aldimeres Ferraz da Silva (SED-PA), a partir de uma pesquisa documental e dedutiva, volta-se para a análise da leitura e da formação do sujeito leitor em sala de aula, por meio de um olhar crítico para o livro didático de Língua Portuguesa. Nair Cristina Carlos de Medeiros (UFGD) e Claudete Cameschi de Souza (UFMS), em *Processos de constituição identitária de indígenas Terenas nas redes sociais*, problematizam as representações imaginárias dos indígenas terenas a partir de publicações de professores indígenas no Facebook.

A parte reservada à Literatura compõe-se de dois artigos. No primeiro, *Murilo Rubião, leitor: as ressonâncias mitológicas presentes em "Teleco, o coelhinho"*, Amanda Naves Berches (UNIFAL) e Wellington Ferreira Lima (UNIFAL) analisam em que medida o conto "Teleco, o coelhinho", de Murilo Rubião, tem referências da

mitologia grega, sobretudo provenientes da obra clássica "Odisseia" de Homero. No outro artigo, *Discussões acerca da literatura no conto "A biblioteca de Babel", de Jorge Luis Borges*, Geniane Diamante Ferreira (UEM) analisa como a literatura e a realidade são representados no conto em foco, especialmente a partir do olhar de Umberto Eco sobre a obra borgiana.

Bruno Maroneze (UFGD), na seção de resenhas, tece considerações acerca da obra *Word Formation and Transparency in Medical English,* organizada por Pius Ten Hacken e Renáta Panocová, que compila trabalhos voltados aos estudos lexicais e terminológicos.

Finalizando este volume, somos contemplados pelo poema *Minima*, de Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque (UNIFESP).

Gostaria de agradecer a todos os autores que confiaram seus trabalhos aos pareceristas da Revista Arredia e, também, a todos os colegas membros do Comitê Editorial que têm se dedicado à editoração da nossa revista.



Milenne Biasotto

Editora-gerente da Revista Arredia

ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

UNIDADES FRASEOLÓGICAS COM ZOÔNIMOS (UFz) E AS ABONAÇÕES

Phraseological units with zoonyms (UFz) and examples

Gabrielly Gomes Leite[i]
Universidade Federal da Grande Dourados
Rosana Budny[ii]
Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: O presente artigo visa a investigar as unidades fraseológicas com zoônimos (UFz), em dicionários bilíngues escolares. As UFz são expressões populares que carregam nome de animais em suas composições, como por exemplo, *ser uma anta*, *ser cachorro sem dono*. Tomamos por base a Metalexicografia que investiga a elaboração de dicionários e a Fraseologia que tem como objeto de estudo as unidades fraseológicas (UF). De acordo com ORTIZ ÁLVAREZ (2000), as unidades que compõem a fraseologia expressam imagens do mundo real, experiências cotidianas que denotam a sabedoria de um povo, tornando-se um importantíssimo veículo de identidade e de cultura. Seguindo as UFz de A à Z, presentes no corpus de estudos de Budny (2015), utilizamos a ferramenta *Google* para buscar abonações em português, ou seja, exemplos, contextos de uso para contribuir com o banco de dados que está sendo elaborado. Justificamos a necessidade desse estudo para encontrar exemplos que possibilitem melhor entendimento dos significados das UFz para estrangeiros que aprendem nossa língua e que nem sempre conseguem entender os significados das expressões se não forem devidamente exemplificadas e também para usuários que precisam verter do português para o inglês essas expressões, que têm significados peculiares. Diante disso esperamos contribuir para a melhoria da organização de dicionários na contextualização das UFz.

Abstract: The present paper aims at investigating the phraseological units with zoonyms (UFz) in bilingual school dictionaries. The UFz are popular expressions that carry the name of animals in their compositions, such as, *ser uma anta*, *ser cachorro sem dono.* We take the foundations of Metalexicography that investigates the elaboration of dictionaries and of Phraseology that has the phraseological units as its object of studying. According to ORTIZ ÁLVAREZ (2000), the units that make up the phraseological units express images of the real world, everyday experiences that denote the wisdom of a people, and become a very important vehicle of identity and culture. Following the UFz from A to Z, present in Budny's *corpora* (2015), we used the Google tool to search for Portuguese grants for them, that is, examples, contexts of use to contribute to the database that is being elaborated. We justify the need of this study to find examples that allow a better understanding of the meanings of UFz for foreigners who learn our language and who cannot always understand the meanings of expressions if they are not properly exemplified and also for users who need to translate from Portuguese to English expressions, which have peculiar meanings. In view of this we hope to contribute to the improvement of the organization of dictionaries in the contextualization of UFz.

Palavras-chave: Metalexicografia; unidades fraseológicas com zoônimos; abonações.

Keywords: Metalexicography; phraseolc units with zoonyms; grants.

Introdução

Se pararmos para pensar em nomes de animais, veremos que conhecemos muitos, a começar pelos domésticos como gatos e cachorros e também os animais cavalos, porcos, galinhas, bois, vacas e peixes, animais esses pertencentes à realidade rural do Brasil colonial, e até mesmo animais silvestres que sempre foram bastante comentados em reportagens da televisão e presentes em filmes de ação.

O convívio com esses animais fez com que muitos povos observassem seus hábitos e passassem a incorporá-los na fala cotidiana, conectando com outras palavras, formando assim, uma expressão com um sentido diferente do anterior, dando origem aos fraseologismos, utilizados em ambientes cujas comunidades se sentem à vontade para expressá-los.

Desse modo, surgem as unidades fraseológicas (UFs), constituídas de agrupamentos, associações, aproximações, idiomatismos, expressões, locuções, combinações, entre outras. No entanto, nosso estudo está concentrado nas unidades fraseológicas com zoônimos (doravante UFz) que trazem o mesmo conceito das UFs, porém, com nomes de animais que se fazem presentes nelas.

Investigamos as UFz existentes nos dicionários bilíngues escolares, com base nos princípios da Metalexicografia, responsável pelo estudo e investigação da confecção de dicionários. E para contribuir com o banco de dados que está sendo elaborado, buscamos abonações que possibilitem melhor compreensão do significado das UFz.

As abonações podem ser definidas, dentro da Lexicografia, como citações (geralmente em dicionário) de trecho de texto literário, jornalístico etc., para autorizar ou exemplificar o uso de um vocábulo em determinada acepção, ou de uma locução, de uma estrutura sintática (cf.

AULETE DIGITAL). Desse modo, são citações de trechos textuais que exemplificam determinado vocábulo e facilitam o entendimento para estrangeiros que estão aprendendo a língua portuguesa e que na maioria das vezes não conseguem entender os significados das expressões se não estiverem acompanhadas de exemplos, visto que eles muitas vezes traduzem ao "pé da letra" e tais expressões não fazem sentido quando vistas dessa forma, já que estamos falando de culturas diferentes. Será de utilidade também para brasileiros que precisam verter do português para o inglês certas expressões, que apresentam significados ditos culturais e para melhor organização de dicionários no contexto das UFz.

A seguir oferecemos uma breve conceituação das áreas que embasam esta pesquisa.

Entendendo a Metaxicografia

A Metalexicografia para Krieger (2006, p. 143) é a "disciplina que trata da análise de dicionários, investigando problemas em sua confecção". Muito tem se discutido sobre a questão da tradução, observamos que os dicionários têm apresentado algumas equivalências que fogem ao padrão da informalidade tão esperada na tradução de expressões populares como as UFz, visto que, muitas vezes, a equivalência não permite que o aprendiz se expresse no tom coloquial que quer imprimir à sua fala. Apenas para ilustrar, podemos exemplificar com a UFz *estar em palpos de aranha que* recebe a equivalência "*to be in a very difficult position*", e embora seja uma paráfrase que explica o sentido da expressão, não corresponde ao desejo do usuário de encontrar uma equivalência igualmente informal. Hartmann (2007) e Snell-Hornby (1987) acreditam que a equivalência poderia ser dividida em vários *graus*: da equivalência total ou até o caso de nenhuma equivalência, quando se trata de traduzir eventos culturais próprios a um determinado país e que não encontram correspondentes na língua alvo. Alguns lexicógrafos trazem traduções formais, e isso não auxilia o usuário também, porque as UFz estão presentes na cultura do povo e expressam

peculiaridades na comunicação. Como afirma Budny (2017), elas "acrescentam um colorido especial e uma intimidade próprias à conversa dos falantes de uma língua". Por este motivo, é desejável que os dicionários possam verter as UFz para a língua alvo, estabelecendo a maior proximidade possível com a língua-fonte, sem esquecer dos traços culturais que vão embutidos nessas UFz.

Entendendo a Fraseologia

O grande precursor dos estudos fraseológicos (cf. ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000; WELKER, 2004) foi Bally ([1909] 1961)[1], que criou um arcabouço conceitual para o estudo dos fenômenos fraseológicos. A primeira monografia sobre o assunto, segundo Welker (2004), parece ser de Makkai (1971)[2], cuja tese aponta para as expressões idiomáticas. Outro trabalho mencionado por Welker e que percorre os estudos dos fraseologismos é o de Rothkegel (1973)[3], que oferece proposta de análise automática ou computacional para as unidades fraseológicas. O estudioso alemão Burger (1973)[4] intensificou a pesquisa fraseológica e publicou trabalhos acerca de expressões idiomáticas. Uma contribuição também de grande relevância é a de Zuluaga (1980)[5]. Este autor faz um apanhado sobre a pesquisa fraseológica a partir de 1880 (Paul) até 1973 (Burger). Na atualidade, os estudos relativos aos fenômenos fraseológicos estão em plena expansão e o interesse por delimitar e conhecer as unidades fraseológicas é visível. Ainda sobre a Fraseologia, Ortiz Alvarez ressalta que,

> a Fraseologia é um campo de estudos que tem como objeto de reflexão os fraseologismos ou as unidades fraseológicas. É o campo do saber que estuda os fenômenos fraseológicos os quais

[1] BALLY, C. *'Traité de stylistique française'*. Heidelberg: C. Winter, [1909]1961.
[2] MAKKAI, A. *Idiom structure in English.* The Hague: Mouton, 1971.
[3] ROTHKEGEL, A. *Feste Syntagmen: Grundlagen, Strukturbeschreibung und automatische Analyse*. Tübingen: Niemeyer, 1973.
[4] BURGER, H. *Deutsche Idiomatik*. Tübingen: Niemeyer, 1973.
[5] ZULUAGA, A. *Introducción al estudio de las unidades fijas.* Frankfurt am Maim: Peter Lang, 1980.

> dão conta de aspectos socioculturais presentes em uma dada comunidade. Estudá-los é uma forma de entender "as situações que motivam seu uso" (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2012, p. 12).

A importância ressaltada pela autora é confirmada pelo avanço do interesse pela pesquisa da área, comprovada pelos muitos artigos que têm sido publicados ultimamente.

As unidades fraseológicas e as unidades fraseológicas com zoônimos

As Unidades Fraseológicas (UFs) "são sintagmas indivisíveis semanticamente e compostos por duas ou mais palavras e dependendo de sua estrutura gramatical e de sua função podem até constituir ou abranger orações" (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000, p.90), como é o caso de: *pôr a mão no fogo* (expressão idiomática); *água mole em pedra dura tanto bate até que fura (provérbio),* etc. Dentro das categorias das UFs encontram-se aquelas que têm um elemento composicional recorrente como é o caso das Unidades Fraseológicas com Zoônimos (UFz), que são expressões que contém nomes de animais em sua composição, e foram sendo absorvidas pelo nosso vocabulário uma vez que os animais sempre estiveram muito presentes em nosso dia a dia passando a preencher várias funções comunicativas. Trazemos como exemplo algumas UFz faladas com frequência no Brasil, como por exemplo, "estar com minhocas na cabeça" (*have rocks in (one's) your head*), que não significa que a pessoa está literalmente com minhocas na cabeça e, sim que ela está pensando muitas besteiras, algo que não deveria; "como sardinha em lata" (*packed like sardines)*, estar em uma situação de aperto/tumulto de gente em um mesmo local; "fome de leão"; "deu zebra"; "macacos me mordam", entre outros fraseologismos.

Metodologia e análise de dados

Fizemos uma pesquisa baseada no levantamento de abonações que trouxessem exemplos de frases para as 152 UFz levantadas por Budny (2017), e tomadas como amostra de dicionários monolíngues e bilíngues. Para obter este resultado utilizamos a ferramenta *google* para a pesquisa das

abonações e exemplos.

Pesquisamos cada expressão entre aspas (como por exemplo, "acertar na mosca"), e em seguida, buscamos abonações em português, e posteriormente digitamos a definição das UFz encontradas, e por fim, a referência de cada uma, como na fig. 01 a seguir:

Fig. 01 – Exemplo de busca de abonações para as UFz.

136. PULGA – "Estar com a pulga atrás da orelha" • Encontramos a seguinte definição para esta expressão em um dicionário on line: Estar desconfiado de algo ou alguém. • Abonação (PORT) "Sempre fico com a pulga atrás da orelha quando encontro aquela mulher". • Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Estar%20com%20a%20pulga%20atr%E1s%20da%20orelha>. Acesso em 21 de abril de 2017.	**34. GALINHA – "Levantar-se com as galinhas"** • Foi encontrado em um dicionário on line, a seguinte definição para a expressão: Levantar-se da cama muito cedo. • Abonação (PORT) "Todos os dias ela levanta com as galinhas e prepara o café do marido". • Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Levantar-se%20com%20as%20galinhas>. Acesso em 22 de janeiro de 2017.

Dessa forma a pesquisa prosseguiu com esse procedimento para as 94 UFz das 152 UFz compiladas conforme uma amostra em apêndice no final deste artigo. O propósito desta investigação é o levantamento de abonações, que segundo o Aulete Digital, constituem-se, dentro da Lexicografia, de citações (geralmente em dicionário) de trecho de texto literário, jornalístico etc., para autorizar ou exemplificar o uso de um vocábulo em determinada acepção, ou de uma locução, de uma estrutura sintática. Ou seja, corresponde a um contexto com citação, elaborado por algum poeta, literato ou escritor. O que se pode depreender das abonações encontradas para as UFz citadas é que essas frases contextualizam o uso dessas expressões fazendo com que seu sentido possa ser apreendido pelo usuário estrangeiro que não apresenta familiaridade com essas UFz resultando em beneficio para a comunicação entre os dois idiomas. O procedimento tem sido adotado principalmente por dicionários virtuais que não são afetados pelo aspecto de limitação de espaço o que muito

contribui para o entendimento das UFz e suas traduções. É o caso de muitos exemplos encontrados no dicionário de expressões on-line, que neste artigo, para facilitar a referência das definições, chamaremos de Dicioline, e que vai referido na bibliografia digital.

Exemplificamos a pesquisa com alguns exemplos a seguir:

ARARA – "Virar uma arara"

Segundo o Dicioline, a expressão significa "pessoa ficar muito enraivecida, brava, revoltada com algo ou alguém". Collins e Michaelis apresentam a equivalência *to get very angry*.

Abonação (PORT.) "Ela virou uma arara quando chegou em casa e viu toda aquela bagunça."

Disponível em: <http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Virar%20uma%20arara> Acesso em 03 de agosto de 2016.

BARATA – "Andar feito barata tonta"

O Dicioline apresenta a seguinte definição: "andar distraído".

Abonação (PORT.) "Andava feito barata tonta no salão." Disponível em: http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Andar%20feito%20barata%20tonta>. Acesso em 05 de agosto de 2016.

BARATA – "Ter sangue de barata"

O Dicioline apresenta a seguinte definição "Diz-se quando a pessoa não reage a provocações ou ofensas".

Abonação (PORT.) "Aquele funcionário parece ter sangue de barata, aguenta calado as zombarias dos colegas." Disponível em: <http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Ter%20sangue%20de%20barata>. Acesso em 05 de agosto de 2016.

CABRA – "Cabra da peste"

Encontramos a expressão idiomática, em um blog denominado *Cultura Nordestina,* a definição dessa expressão é "Indivíduo destemido, provocador ou valentão".

Abonação (PORT) "Ele é um cabra da peste".

Disponível em < http://culturanordestina.blogspot.com.br/2007/11/dicionario-nordestino.html>. Acesso em 07 de agosto de 2016.

Considerações finais

Em virtude do que foi apresentado, podemos afirmar que nem sempre as Ufz presentes nos dicionários recebem traduções que satisfazem seu teor coloquial e informal e por esse motivo dar exemplos ou abonações faz com que a UF seja mais bem compreendida.

Esperamos que as abonações sejam mais frequentes nos dicionários que estão por vir, atendendo o maior número de UFz, com o intuito de facilitar o trabalho dos usuários, sejam eles estrangeiros aprendizes da língua portuguesa ou falantes nativos da língua portuguesa que precisam de traduções na língua inglesa, foco dos dicionários bilingues pesquisados.

As abonações levantadas até este momento da pesquisa são em português, mas o próximo passo será fazer o mesmo procedimento, em inglês.

Pesquisas dessa natureza são de grande contribuição para a vida acadêmica pois os conhecimentos trazidos pelos vários textos, artigos e teorias lidos ajudam a criar o hábito de resenhar, o que é proveitoso. Além disso, o tema apresenta caráter instigante, presente no nosso dia a dia, pois todos usamos as UFz em diversas situações e nem sempre nos damos conta disso. Aprender a ter um olhar mais crítico em relação à organização dos dicionários e uma preocupação com os usuários que os manuseiam é o que fica da pesquisa e dos estudos acerca dessa área do conhecimento.

Referências

BUDNY, Rosana. Unidades fraseológicas com zoônimos em dicionários monolíngues e bilíngues (português-inglês) e em livros didáticos do PNLD. *Tese* (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. Disponível em http://www.aulete.com.br/ Acesso em Agosto de 2016.

DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES. Disponível em

http://dicionariodeexpressoes.com.br/ Acesso em Agosto de 2016.

HARTMANN, R. R. K. *Interlingual lexicography***.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2007.

KRIEGER, M. G**.** Políticas públicas e dicionários para escola: o programa nacional do livro didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. *Cadernos de Tradução,* Florianópolis**.** v. 18, p. 235-252, 2006.

ORTÍZ ÁLVAREZ, M. L. Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. *Tese* (Doutorado em Linguística Aplicada) – IEL, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SNELL-HORNBY, M. Towards a learner´s bilingual dictionary. COWIE, A. (Ed.) *The dictionary and the language learner,* Papers from the Euralex Seminar at the University of Leeds. Tubingen, Niemeyer, 1987. p. 159-170.

WELKER, H. A. *Dicionários – Uma pequena introdução à Lexicografia.* Brasília: Thesaurus, 2004.

Apêndice

Apresentamos a seguir uma amostra de dados recolhidos na pesquisa:

ÁGUIA – "Olhos de águia"

A pessoa com *olhos de águia* consegue enxergar oportunidades que outros não veem.

Abonação (PORT.)"Aquela sua amiga tem olhos de águia, conseguiu encontrar um pequeno defeito no meu vestido!" Disponível em http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Olhos%20de%20%E1guia acesso em 05 07 de 2016.

AVESTRUZ – "Ter estômago de avestruz"

O Dicioline apresenta a seguinte definição: "Pessoa que come de tudo ou em muita quantidade e não passa mal".

Abonação (PORT.) "Esse menino parece ter estômago de avestruz, é impressionante como ele come de tudo! "

Disponível em: <http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Ter%20est%F4mago%20de%20avestruz>. Acesso em 03 de agosto de 2016.

BAGRE – "Bagre ensaboado"

Em um dicionário online encontramos a seguinte definição: "Pessoa escorregadia. Que escapa fácil de problemas difíceis ou situações. Pessoa dotada de agilidades para se esquivar de problemas e sair impune de situações comprometedoras. No futebol, diz-se do atacante veloz".

Abonação (PORT.) "Até porque eu já tinha tentado falar com esse fulano por esses dias, mas como dizem por aí ele andava "**mais liso que bagre ensaboado**" e eu simplesmente tinha decidido deixá-lo de lado".
Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/mais+liso+que+bagre+ensaboado/>. Acesso em 03 de julho de 2016.

BODE – "Bode expiatório"
O Dicioline apresenta a seguinte definição: "Aquele que leva a culpa no lugar do outro".
Abonação (PORT.) "Escolheram o servente para ser o bode expiatório da situação." Disponível em: <http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Bode%20expiat%F3rio>. Acesso em 06 de agosto de 2016.

CACHORRO – "Vida de cachorro"
O Dicioline apresenta a seguinte definição: "Vida difícil, penosa, dura, trabalhosa".
Abonação (PORT) "Quando criança, ele levava uma vida de cachorro na mão do padrasto".
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Vida%20de%20cachorro>. Acesso em 08 de outubro de 2016.

CÃO – "como cão e gato"
O Dicioline apresenta a seguinte definição: "Pessoas que estão sempre brigando, sempre discutindo, que não se entendem".
Abonação (PORT) "Os dois filhos dela são como cão e gato".
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Feito%20c%E3o%20e%20gato>. Acesso em 23 de outubro de 2016.

CAVALO – "Tirar o cavalo da chuva"
O Dicioline apresenta a seguinte definição: "Desistir com relutância por motivo de força maior".
Abonação (PORT) "Pode tirar seu cavalo da chuva que hoje ela não vem mais".
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Tirar%20o%20cavalo%20da%20chuva>. Acesso em 13 de dezembro de 2016.

CORUJA – "Mãe coruja"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Aquela mãe que exalta com exagero as qualidades dos filhos".
Abonação (PORT) "Ela diz para todo mundo que o filho é um prodígio, é mesmo uma mãe coruja".

Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=M%E3e%20coruja>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

CROCODILO – "Chorar lágrimas de crocodilo"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Fingir que está chorando por algo, chorar com falsidade, sem sentimentos".
Abonação (PORT) "Está chorando pela morte da prima! São lágrimas de crocodilo, pois ela a odiava".
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Chorar%20l%E1grimas%20de%20crocodilo>. Acesso em 15 de janeiro de 2016.

ÉGUA – "Lavar a égua"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Ir à forra, se fartar, ganhar muito dinheiro, ter muita vantagem".
Abonação (PORT) "Seu time lavou a égua no jogo de ontem! "
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Lavar%20a%20%E9gua>. Acesso em 15 de janeiro de 2017.

FORMIGA – "Como formiga"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para a expressão: "Em abundância, em grande quantidade, em demasia".
Abonação: "Havia gente como formiga na passeata estudantil".
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Como%20formiga>. Acesso em 22 de janeiro de 2017.

GALO – "Cantar de galo"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para a expressão: "Querer impor a própria vontade, mostrar-se superior, demonstrar valentia".
Abonação (PORT) "Chegou ao clube cantando de galo mas não meteu medo em ninguém".
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Cantar%20de%20galo>. Acesso em 23 de janeiro de 2017.

GATO – "Comprar gato por lebre"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para a expressão: "Ser enganado".
Abonação (PORT) "Pensou que o objeto era importado mas comprou gato por lebre".
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Comprar%20gato%20por%20lebre>. Acesso em 29 de janeiro de 2017.

MACACO – "Ir pentear macaco"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Ir chatear outra pessoa, não incomodar mais".
Abonação (PORT) "Me deixe em paz e vai pentear macacos".
Disponível em:< http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Ir%20pentear%20macacos>. Acesso em 11 de março de 2017.

MINHOCA – "Por minhoca na cabeça"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Criar ou refletir sobre problemas inexistentes".
Abonação (PORT) "Não ponha minhoca na cabeça, eu vi que seu filho estava na escola!"
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=P%F4r%20minhoca%20na%20cabe%E7a>. Acesso em 22 de março de 2017.

MOSCA – "Acertar na mosca"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Certeza do que disse, acertar em cheio na primeira".
Abonação (PORT) "Você acertou na mosca!"
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Acertar%20na%20mosca>. Acesso em 22 de março de 2017.

ONÇA – "Amigo da onça"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Falso amigo, amigo interesseiro ou traidor".
Abonação (PORT) "Eu falei que ele era um amigo da onça".
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Amigo%20da%20on%E7a>. Acesso em 02 de abril de 2017.

PATO – "Pagar o pato"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Ser responsável por algo que não cometeu, sofrer consequência de algo que não causou".
Abonação (PORT) "Sua prima que pagou o pato e ficou com fama de fofoqueira".
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Pagar%20o%20pato>. Acesso em 05 de abril de 2017.

PEIXE – "Olhar de peixe morto"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Olhar

triste, sem brilho".
Abonação (PORT) "Ele acha que vai conquistar alguma garota nessa festa com esse olhar de peixe morto?"
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Olhar%20de%20peixe%20morto>. Acesso em 20 de abril de 2017.

PULGA – "Estar com a pulga atrás da orelha"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Estar desconfiado de algo ou alguém".
Abonação (PORT) "Sempre fico com a pulga atrás da orelha quando encontro aquela mulher".
Disponível em: < http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Estar%20com%20a%20pulga%20atr%E1s%20da%20orelha>. Acesso em 21 de abril de 2017.

SAPO – "Engolir sapos"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Fazer algo contrariado, ser insultado e não reagir, não revidar ao ser provocado, acumulando ressentimento".
Abonação (PORT) "Detesto meu enteado, mas tenho que engolir sapo para viver em harmonia nesse casa".
Disponível em: <http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Engolir%20sapos>. Acesso em 22 de abril de 2017.

SIRI – "Fazer boca de siri"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Guardar segredo sobre algo ou algum assunto".
Abonação (PORT) "Fui promovido, mas por enquanto faça boca de siri sobre o assunto".
Disponível em: <http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Fazer%20boca%20de%20siri>. Acesso em 23 de abril de 2017.

TARTARUGA – "A passo de tartaruga"
O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: "Fazer algo sem nenhuma pressa, lentamente, vagarosamente".
Abonação (PORT) "Se for arrumar a casa a passo de tartaruga não vai terminar hoje".
Disponível em: <http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=A%20passo%20de%20tartaruga>. Acesso em 25 de abril de 2017.

VACA – "Vaca de presépio"

O Dicioline apresenta a seguinte definição para esta expressão: “Pessoa que concorda com tudo que os outros dizem, pessoa sem personalidade, sem opinião própria”.
Abonação (PORT) “Ela parece uma vaca de presépio, concorda com tudo que a amiga diz”.
Disponível em: <http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Vaca%20de%20pres%E9pio>. Acesso em 26 de abril de 2017.

[i] E-mail da autora: gabriellygleite@gmail.com
[ii] E-mail da autora: rosanabudny@ufgd.edu.br

ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR: UM OLHAR DISCURSIVO PARA O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Reflections on reading and training of the subject reader: a discursive look at the portuguese language teaching book

Luiz Antônio Xavier Dias[i]
Universidade Estadual do Norte do Pará
Aldimeres Ferraz da Silva[ii]
Secretaria de Estado de Educação do Pará

Resumo: Por meio da Análise de Discurso de linha franco-brasileira, o presente estudo analisa a leitura e a formação do sujeito leitor em sala de aula por meio de um olhar crítico para o livro didático de Língua Portuguesa, especificamente, para a verificação das questões e da constituição do livro didático. Preocupa-nos saber se a presente obra intenciona ou não formar leitores competentes, conforme anuncia o PNLD. Nosso corpus de pesquisa é o primeiro capítulo do livro didático (manual do professor) intitulado *Português, Linguagens* de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães destinado ao 6º ano do ensino fundamental II e disponibilizado pelo FNDE por intermédio do PNLD. A pesquisa é documental e dedutiva, partindo da análise dos documentos para hipóteses.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Livro didático; Leitores.

Abstract: Through the Franco-Brazilian Discourse Analysis, the present study analyzes the reading and the formation of the reader in the classroom, through a critical look at the Portuguese Language textbook, specifically, for verification the issues and the constitution of the textbook. We are concerned about whether or not this work intends to train competent readers, as announced by the PNLD. Our corpus of research is the first chapter of the didactic book (teacher's manual) entitled Portuguese, Languages of William Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães for the 6th year of elementary school II and made available by FNDE through PNLD. The research is documentary and deductive, starting from the analysis of the documents for hypotheses.

Keywords: Discourse Analysis; Textbook; Readers.

Introdução

Fundamentamos este trabalho a partir da perspectiva teórica da

Análise de Discurso de linha franco-brasileira, visando realizar uma análise reflexiva sobre a leitura e a formação do sujeito leitor em sala de aula, por meio de um olhar crítico para o livro didático de Língua Portuguesa. Nosso corpus de pesquisa é o primeiro capítulo do livro didático (manual do professor) intitulado *Português, Linguagens* de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães destinado ao 6º ano do ensino fundamental II e disponibilizado pelo FNDE por meio do PNLD[1].

Para tanto, organizamos nosso trabalho do seguinte modo: iniciamos com uma breve elucidação teórica sobre a leitura pelo viés da Análise de Discurso de linha franco-brasileira. Após esse momento, apresentamos e descrevemos o *corpus* e seguimos para sua análise a partir de recortes. Em seguida, fechamos o trabalho com reflexões sobre a atividade desenvolvida.

É importante destacar que a presente pesquisa é bibliográfica e exploratória ou documental (Mota-Roth, 2010). A metodologia envolverá o procedimento de levantamento de bibliografia e documentos referentes ao problema em questão (olhar para o capítulo 1 no livro didático).

O levantamento bibliográfico e os suportes teóricos dão subsídios para uma pesquisa dedutiva (Miqueletti; Límoli, 2016), partindo da teoria para os dados; posteriormente será feita a análise dos mecanismos de produção de sentido a fim de constatar se o livro didático analisado tende a formar leitores competentes ou é apenas mais uma estratégia mercadológica.

Vale lembrar que o presente trabalho é fruto de reflexões advindas da disciplina Ensino de Leitura na Escola, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, ministrada pela Prof.ª. Dra. Sheila Lima.

[1] Programa Nacional do Livro Didático - Conforme nota disponível no site http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico, é um programa do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação que objetiva prover as escolas públicas de ensino fundamental e médio com livros didáticos de diferentes disciplinas, acervos de obras literárias, obras complementares e dicionários. O PNLD 2017 visa a escolha de materiais para utilização nas escolas públicas durante os anos de 2017, 2018 e 2019.

A leitura em uma perspectiva discursiva

Ao escolhermos a perspectiva da Análise de Discurso - AD - para a investigação da presente pesquisa, precisamos voltar nosso olhar para vários elementos necessários para a produção de sentido, são eles: a formação discursiva, a legibilidade, o outro, o discurso pedagógico e também o mais relevante para a AD que é o contexto de produção.

Segundo Orlandi, a leitura (1987, p. 193) "é um momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo de interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação".

Pelo olhar de nossa linha de estudo, a legibilidade é um fator de extrema importância, uma vez que os mecanismos de reconhecimento das características de um gênero discursivo aparecem por meio da memória do leitor, mas é apenas em razão da interação e da memória discursiva que o sentido será produzido de fato. Nessa direção é que se produz verdadeiramente a legibilidade.

Desse modo, vale frisar o pensamento posto por Orlandi (1987) de que a constituição de sentidos só se dá por meio do contexto, ou seja, não é a noção palavra por palavra, mas como a situação de produção unifica o processo de leitura.

Embora a AD explique que é somente pela interação que a construção de sentidos acontece, Orlandi (1987, p. 187) explica de forma relevante que o discurso pedagógico tende à homogeneização e, por sua característica de autoritarismo, muitas vezes não leva à produção de sentidos, ao fazer com que o aluno real e o virtual coincidam sem que se espere uma mudança de condição de produção.

Para a autora (1987), o discurso pedagógico não dá importância à compreensão: ou o aluno já tem condições favoráveis ou ele decora, repete, imita; é assim que o aluno se coloca no lugar do interlocutor desejado mesmo na perspectiva pedagógica que se faz em relação a um aluno-padrão, não se usam estratégias discursivas capazes de modificar as

condições de produção de leitura para que ele chegue a se aproximar desse aluno-padrão. Dessa maneira, para mudar e produzir algum sentido na escola é preciso pensar na leitura como um processo de interação.

Por tais apontamentos, presentes na AD de linha franco-brasileira, voltamos nosso olhar para os livros didáticos de língua portuguesa e questionamos: o excesso de direcionamento e de questões presentes induz à formação de um sujeito consciente ou se apenas reproduz e deforma um leitor em potencial?

O livro didático de língua portuguesa

Realizamos esta análise do livro didático em foco pensando em olhar para a leitura a partir de uma perspectiva discursiva que a observa enquanto produção de sentidos. Nessa conjuntura, observamos o leitor como sujeito que busca os sentidos de sua leitura e interage no momento crítico de constituição do texto construindo um espaço de discursividade. Conforme já posto pelas considerações de Orlandi, (1987) a leitura é esse momento crítico de construção do texto, no qual o leitor em processo de interação desencadeia o processo de significação.

É, segundo estes pressupostos que partiremos para a análise do *corpus* deste trabalho por meio de recortes de um dos capítulos do livro didático (na versão manual do professor) intitulado *Português, Linguagens* de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, publicado em 2016 em sua 9ª edição pela Editora Saraiva e destinado ao 6º ano do ensino fundamental II. O capítulo 1 será o foco de nossa análise e é intitulado *Era uma vez.* Justificamos a relevância do trabalho na perspectiva discursiva uma vez que muito se fala da análise dos livros didáticos na perspectiva do PNLD, mas não se discute a própria natureza do que é um livro didático e como o trabalho do professor pode bloquear um futuro leitor ou libertá-lo e, em relação à escolha do capítulo, frisamos que o escolhemos por ser um dos mais relevantes para a formação do leitor juvenil que, na idade de dez a onze anos, aprecia bastante o gênero discursivo conto de fadas, foco do

capítulo.

Escolhemos este livro didático, pois esta última edição é uma reformulação das anteriores e está sendo proposta pelo PNLD 2017 pelos professores de Língua Portuguesa de Ensino Fundamental e Médio para possível utilização durante os anos de 2017, 2018 e 2019. Desse modo, consideramos que, se escolhido este material, implicará diretamente nas práticas de ensino/aprendizagem de língua portuguesa sendo válida a realização desta análise, uma vez que contribuirá com reflexões acerca do ensino de leitura que tem sido realizado nas escolas públicas do estado do Paraná. Assim, conforme aponta Coracini (2011) sobre análise de discurso em livro didáticos, não pretendemos propor grandes mudanças metodológicas e de conteúdo, mas sim lançar olhares críticos sobre a sala de aula a partir do livro didático.

A leitura no livro didático: um olhar reflexivo

Para nossa análise, consideramos a premissa de Orlandi (1987, p. 193) de que a leitura é *produzida*, sendo interessante lançar um olhar analítico para os "fatores que constituem as condições de produção" dessa leitura e para o funcionamento do discurso considerando sua exterioridade. Nesta conjuntura, o trabalho ideal em sala de aula seria aquele no qual o funcionamento dos elementos constituintes da leitura são explicitados tendo em vista o desenvolvimento de uma competência discursiva no aluno leitor. Assim, consideramos que a formação do sujeito leitor implica a compreensão do 'jogo da leitura', ou seja, de seu funcionamento.

Antes, porém, de adentrarmos na análise propriamente dita de fragmentos da obra em foco, pensamos ser relevante nos deslocarmos até o manual do professor, inserido nas páginas finais do livro, a fim de refletir acerca do cumprimento ou não das premissas lá elencadas sobre a leitura. Ao olharmos atentamente para este manual percebemos o quanto é primordial para ele o desenvolvimento de habilidades de leitura em sala de aula. Inclusive, os autores esclarecem que o objetivo do trabalho com a

leitura é:

> [...] o desenvolvimento de habilidades de leitura. Embora a coleção não identifique, em cada questão, a habilidade ou as habilidades exploradas, todo o trabalho é orientado pela Matriz de Referência da Prova Brasil, cujos descritores sistematizam as habilidade de leitura. (CEREJA; MAGALHÃES 2016, p. 293)

De posse destes conhecimentos, em um primeiro olhar para o capítulo 1 - *Era uma vez* - observamos que ele apresenta logo no início uma proposta de leitura que considera a necessidade de que o professor arrole as estratégias necessárias. Sobre isso, em um primeiro momento olhamos para a seguinte sequência discursiva[2] por nós denominada SD1:

> **(SD1)** Professor: Antes de iniciar o trabalho com este capítulo, sugerimos que leia para os alunos alguns contos maravilhosos, encontrados em livros que são comuns nas bibliotecas das escolas. Se quiser, valha-se das indicações feitas na seção *Fique Ligado! Pesquise!* Você pode, primeiramente, explorar conhecimentos prévios dos alunos, estimulando-os a tecer comentários sobre as diferentes versões de um mesmo conto, a linguagem em que o conhecem (se verbal ou cinematográfica), o enredo de alguns mais conhecidos, as personagens, etc. Peça que tragam de casa livros para emprestar aos colegas, que leiam trechos de que mais gostarem e etc.

Esta primeira sequência discursiva é uma nota para o professor. Percebemos que ela elenca algumas sugestões de como o conteúdo poderá ser abordado em sala de aula, fazendo-nos refletir sobre o quanto o material didático se importa com a definição prévia de estratégias para o trabalho com a leitura. O que vemos como estratégias são as opções dadas ao professor a fim de preparar o aluno para a leitura, e estas sugestões focalizam principalmente o recobramento de conhecimentos prévios. Percebemos então que, nesse ponto, o material traz uma preocupação com os conhecimentos enciclopédicos e de mundo, podendo ser resultado de uma abordagem cognitivista da leitura, dessa maneira entendemos como relevante este recobramento de conhecimentos prévios.

[2] Para a organização da nossa análise utilizamos a noção de recorte, que é para Orlandi (1984, p. 14) "uma unidade discursiva de fragmentos correlacionados de linguagem e situação". Assim, trabalhamos com a análise de sequências discursivas - SD enumeradas em ordem crescente (SD1, SD2, SD3, etc.) conforme o decorrer do trabalho analítico.

Por intermédio de um olhar discursivo, consideramos que o estabelecimento de estratégias também pode ser válido considerando o que Orlandi (1987, p. 184) chama de seletividade da leitura. Para Orlandi, há diferentes modos de leitura e cabe ao leitor - no caso da sala de aula com a mediação do professor - selecionar os modos de ler e as estratégias necessárias para esta realização. Nesse ponto, podemos refletir sobre o modo como o leitor se representa no processo de leitura, considerando o que é relevante ou não para ele no ato de ler.

Logo após a SD1 e após uma breve introdução ao aluno sobre os sentidos da expressão "Era uma vez…", o capítulo traz o conto *As três penas* na versão de Jacob Grimm. Na introdução fornecida ao aluno, o material esclarece sobre os contos maravilhosos considerando-os como histórias que nunca morrem, pois são sempre contadas. A partir desta introdução é que o material propõe o recobramento de conhecimentos prévios. E ainda antes da leitura do texto, o livro traz a seguinte sequência discursiva:

> (**SD2**) Professor: Os contos maravilhosos são normalmente longos. Por essa razão **sugerimos que você leia o conto a seguir até certo ponto, dando a entonação adequada aos diálogos, resolvendo possíveis problemas de vocabulário, compreensão, etc. e depois retome a leitura**. Se você já tiver feito outras leituras antes é provável que os alunos queiram ler o conto sozinhos.

Novamente, observamos uma preocupação com a determinação de estratégias para o ensino de leitura e percebemos uma reafirmação da formação ideológica escolar constituinte deste material didático. Nesta formação ideológica o professor toma a posição sujeito de mediador do processo de ensino/aprendizagem de leitura, podendo ou não seguir as recomendações do livro didático. Assim, na SD2 percebemos o papel do mediador como aquele que deve buscar as melhores estratégias para o ensino da leitura. Quando se coloca foco no trecho destacado por nós, percebemos os não-ditos de que a leitura em sala de aula também poderá ser trabalhada por outras estratégias a serem selecionadas pelo professor, pois o material oferta sugestões. Desse modo, observamos que a leitura

também poderá ou não ser direcionada pelo professor, ser silenciosa ou em voz alta, ser coletiva ou individual, com ou sem releituras e etc. conforme as necessidades reais do ambiente escolar.

Após esse momento, o material traz o conto a ser lido, acompanhado por algumas ilustrações e na sequência o bloco de exercícios intitulado "Estudos do Texto", com o subtítulo "Compreensão e Interpretação". Esse bloco contém oito questões acompanhadas pelas seguintes notas complementares destinadas ao aluno: "Quem são os irmãos Grimm?"; "O que é protagonista?" e "As três penas na Alemanha". Nas seguintes sequências discursivas - SD3 e SD4 - observamos respectivamente o exercício número 1 e as respostas que o material traz para auxiliar o professor:

> **(SD3)** 1. No início do conto, o narrador apresenta os membros de uma família real e, em seguida, faz a caracterização dessas personagens.
>
> a. Como são caracterizados os filhos mais velhos do rei?
>
> b. Como é caracterizado o filho mais jovem? Suas características eram semelhantes ou opostas às dos irmãos?
>
> **(SD4)** a. São caracterizados como inteligentes e sensatos.
>
> b. Eram opostas às dos irmãos, pois era simplório, não falava muito e era chamado de Bobalhão.

Observamos pelo direcionamento do material que, embora ainda se constituam como questões introdutórias - SD3 e respectivas respostas SD4 -, os enunciados das respostas, de certo modo, induzem a uma única e pré-determinada linha de pensamento sendo, que se o professor utilizar apenas esse material de aporte em sua aula, provavelmente conduzirá o aluno a pensar somente que o herói é uma pessoa muito boa e boba, sofredora de diversas sanções até ter um reconhecimento no final da história. Entendemos então que a leitura trabalhada por tais linhas é limitada e reduzida à visão do material didático ou do professor. Conforme as reflexões de Barthes (2004), geralmente a escola trabalha sob a imposição de

determinado nível de leitura aos alunos. No entanto, quando se trata de leitura não há limites, mas sim inúmeras possibilidades e níveis de profundidade.

Corroborando Barthes (2004), pensamos que um texto realmente precisa ser lido a partir de várias perspectivas, de modo que a leitura não se esgotará no ambiente da escola ou logo que fechamos um livro. Desse modo, reafirmamos que a leitura na escola deve se constituir como um processo de construção de sentidos, do qual o aluno leitor é parte intrínseca.

Embora os enunciados sejam lógicos, pensamos que a utilização de fragmentos literários para explicação da literatura é uma situação complicada, pois muitas vezes o leitor se torna distante, não tem envolvimento com a leitura e acaba não refletindo como deveria sobre o texto literário. Percebemos que o livro didático impõe muitas tarefas, mas a leitura não existe efetivamente. Tudo fica sob o regramento, não havendo posicionamentos diante do que é para ser lido.

Na próxima sequência discursiva (SD5), o que nos chamou a atenção foi o exercício de número 4. Nele o autor explica que por três vezes os filhos mais velhos do rei saem em viagem. Apresentamos a seguir a SD6 com os comandos do enunciado e a SD6 com as respectivas respostas:

> **(SD5)** a. Sempre que retornam ao castelo, eles trazem, de fato, o que o rei tinha de fato solicitado? Por que, na sua opinião isso acontece?
>
> b. Por três vezes o rei determina que, por direito e por justiça, o Bobalhão seria o herdeiro do trono. Qual é a reação dos filhos mais velhos diante desses veredictos do pai?
>
> **(SD6)** a. Eles não trazem o que o rei tinha solicitado, mas o que viam pela frente. Isso acontece ou porque eram preguiçosos ou porque não acreditavam que o Bobalhão pudesse se sair bem ao executar a tarefa.
>
> b. A de não aceitar o veredicto e atormentar o pai, diziam que o Bobalhão não podia ser rei porque lhe faltava juízo e sempre pediam uma nova prova.

Como podemos observar, as duas questões são de interpretação e conduzem ao julgamento do juízo de valor dos alunos. Isso fica evidente

na expressão *a. na sua opinião.* Como são questões já fechadas, as muitas probabilidades do aluno inferir à sua maneira não são contempladas. Assim, entendemos que o ato de seguir um manual de forma cega certamente fere a integridade interpretativa do aluno. Vale destacar que, como docentes que somos, e ao longo de nossa experiência, detectamos que um número exagerado de questões pode deixar o discente automaticamente com canseira ao refletir, e, enfim, corremos o risco de repetir aquela velha máxima do ensinar a ler do jeito que o professor pede, refletir apenas o que o docente quer. A essa crítica temos as reflexões de Colomer (2007, p.106) sobre a prática do professor em sala de aula: "Eu te levarei a dizer o que espero que digas sobre o texto e, definitivamente, um Tu lês e eu te explicarei em seguida". Essa última frase sintetiza muito bem as práticas corriqueiras de leitura na escola.

As seções restantes constantes no capítulo em análise são intituladas: "A Linguagem do Texto" e "Cruzando Linguagens". Na seção "Cruzando Linguagens" são inseridas cinco atividades de análise linguística as quais trabalham sobre tipo de paragrafação, tipos de frases. Nessa seção são inseridos cinco exercícios com atividades divididas em a-b-c, etc., totalizando dez atividades em uma só página. Percebemos isso na seguinte sequência discursiva:

> **(SD7)** Observe o penúltimo parágrafo do texto. Como os outros parágrafos, ele, apresenta partes menores, as frases, que são delimitadas pelo ponto.
>
> a. Observe o número de pontos desse parágrafo. Quantas frases há nele?
>
> b. O parágrafo sempre se inicia com letra maiúscula. E as frases, são iniciadas com letra maiúscula ou com letra minúscula?

Percebemos que são atividades de reconhecimento de parágrafo e, segundo os autores, essas atividades completam o processo de se reconhecer e produzir sentidos. No entanto, observamos que a leitura propriamente dita, do modo como pensam Orlandi, Barthes e Colomer, não

é trabalhada. Então, a escola acaba utilizando o espaço que seria da leitura para realização de trabalhos acerca de decodificação, pontos gramaticais ou linguísticos e etc. Não que esses trabalhos não sejam importantes, pois sabemos que são. Mas quando pensamos em formar leitores pensamos, sobretudo, em ultrapassar os limites da decodificação e da análise linguística.

Na sequência é apresentada a seção "Cruzando Linguagens". Nela, os autores inserem nove atividades, contendo vinte e três questões. A intenção do "Cruzando Linguagens" é inserir o diálogo dos contos de fadas em outras mídias digitais como o filme o *Jardim secreto*.

Pela própria diagramação, verificamos que essas últimas duas seções podem ser muito cansativas para os alunos, portanto, nossa crítica a respeito delas é justamente o exagerado número de questões que acaba deixando o discente inseguro de suas próprias ações aguardando, na maioria das vezes, o aval do professor, o julgamento do docente para saber se está certo ou errado. Assim, percebemos que no livro didático o trabalho escolar da leitura é muito regrado, fechado e sequer há espaço de subjetivação para o leitor.

Considerações Finais

Ao olharmos para o Livro Didático a fim de refletirmos sobre o trabalho com a leitura em sala de aula, percebemos que, na verdade, a escola impõe uma escolarização da leitura que, aos nossos olhos, pode ser prejudicial para a formação do aluno leitor. Ao propor dez ou mais questões sobre um único texto o material orienta que a leitura siga um único curso de pensamento não abrindo espaço para que o aluno realize outros tantos caminhos possíveis e encontre sua subjetivação na leitura. Desse modo, o funcionamento da leitura não é explicitado de maneira satisfatória e tampouco há o desenvolvimento eficaz de uma competência discursiva.

Neste trabalho, expusemos sucintas reflexões a respeito da produção de sentido na leitura a partir de um livro didático de língua portuguesa para

o ensino fundamental II. Partindo da AD de linha franco-brasileira, refletimos acerca da formação de leitores conscientes, capazes de interagir e agir no mundo de forma autônoma por meio da aplicação dos exercícios contidos no livro didático. Constatamos por meio dos recortes analisados que a própria configuração da leitura literária inserida em um livro didático contendo mais de quarenta questões não consegue levar o leitor a tornar-se autônomo, pelo contrário, isso pode barrar a criatividade do aluno e fazer com que ele não se sinta autorizado muitas vezes no momento da interação para manifestar-se (COLOMER, 2007, p. 104).

Por fim, entendemos que o professor precisa livrar-se das amarras do livro didático e tentar buscar formas de trabalho mais adequadas ao seu público alvo, como a leitura compartilhada (Colomer, 2007) para que possamos pensar no futuro em cidadãos mais críticos e autônomos e, portanto, conscientes de seus direitos e deveres.

Referências

BARTHES, Roland. *O Rumor da língua.* São Paulo. Martins Fontes. 2004.

BRASÍLIA - DF. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Ministério da Educação. *Programa Nacional do Livro Didático.* 2012. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico>. Acesso em: 31 jul. 2016.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português:* Linguagens. 9. ed. São Paulo. Saraiva. 2016. Suplementado pelo manual do professor.

COLOMER . Teresa. *Andar entre livros:* a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CORACINI, Maria José (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático.* Campinas-SP. Pontes. 2011. 176 p.

MIQUELETTI, Eliane Aparecida; LÍMOLI, Loredana. A sociossemiótica e os enunciados sobre os indígenas proferidos por professores não indígenas. *In:* SCOPARO, Tânia Regina Montanha Toledo et al. (ORG). *Estudos em*

linguagens: diálogos linguísticos, semióticos e literários. V. 2. Rio de Janeiro. Multifoco. 2016. p. 193- 208.

MOTTA-ROTTH, Desirée; HANDGES, Graciela Rabuske. *Produção textual na universidade.* São Paulo. Parábola Editorial. 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento:* As formas do discurso. 2. ed. Campinas-SP. Pontes. 1987.

_____. Segmentar ou recortar**.** *Linguística:* Questões e Controvérsias, Centro de Ciências Humanas e Letras da Faculdades Integradas de Uberaba. Série de Estudos n. 10, p. 9-27, 1984.

[i] E-mail do autor: laxdias@uenp.edu.br
[ii] E-mail da autora: aldimeresf@gmail.com

ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

NOTAS SOBRE OS PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE INDÍGENAS TERENAS NAS REDES SOCIAIS

Processes of identity constitution of terena indigenous in social networks

Nair Cristina Carlos de Medeiros[i]
Universidade Federal da Grande Dourados
Claudete Cameschi de Souza[ii]
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Resumo: O processo de diáspora vivido pelo povo Terena e o seu posterior reajuntamento afetaram o modo de vida e operaram grandes mudanças na paisagem ecológica e social desse povo indígena, o qual se viu, a partir daí, forçado a buscar novas estratégias de sobrevivência em um processo crescente de territorialização e de busca de autoafirmação nos territórios ocupados. Devido a este processo, há um discurso corrente de estigmatização dos povos Terena que assevera que eles abandonaram suas raízes, se aculturaram e se tornaram "índios urbanos". Neste contexto de estigmatização e de institucionalização de sentidos vários sobre o sujeito índio, nos propomos a problematizar as representações imaginárias desses sujeitos sobre si mesmos, através da publicação de uma postagem no Facebook realizada por um professor indígena destes povos. Nossa referência teórica é a Análise do Discurso de linha francesa a partir dos conceitos de memória, interdiscurso e formações discursivas propostos por Pêcheux (2009), da formulação do conceito de formações discursivas realizada por Foucault (1986) e da problematização de noções como identidade e processos identitários propostas por Hall (2006) e Coracini (2003), além das concepções de território e territorialidade e propostas por Haesbart (2004). Os resultados iniciais apontam para identidades construídas a partir das relações territoriais que encenam

Abstract: Diaspora lived by the Terena people and their subsequent gather affected the way of life and they underwent great changes in the ecological and social landscape of this indigenous people, which from then on, was forced to look for new strategies of survival in a process Territorialisation and the search for self-assertion in the occupied territories. Due to this process, there is a current discourse of stigmatization of the Terena people who assert that they have abandoned their roots, acculturated and become "urban Indians." In this context of stigmatization and institutionalization of various meanings on the Indian subject, we propose to problematize the imaginary representations of these subjects on themselves, through publications of postings on Facebook carried out by indigenous teachers of this ethnic group. Our theoretical reference is the French Discourse Analysis through the concepts of memory, interdiscourse and discursive formations proposed by Pecheux (2009), the formulation of the concept of discursive formations by Foucault (1986) and the problematization of notions such as Identity and identity processes carried out by Hall (1997) and Coracini (2003), , as well as the territorial and territorial conceptions proposed by Haesbart (2004). The initial results point to identities built from the territorial relations that stage the operation

o funcionamento de diferentes posições sujeito, constituídas em duas formações discursivas que estão relacionadas entre si por oposição.

of different subject positions, constituted in two discursive formations that are related to each other by opposition.

Palavras-chave: Processos identitários. Povos Terenas. Análise do discurso.

Keywords: Identity. Indigenous. Te Discourse Analysis.

Introdução

O processo de diáspora vivenciado pelo povo Terena e seu posterior reajuntamento afetaram o modo de vida e produziram grandes transformações nas práticas culturais desse povo, que se viu, desde então, forçado a buscar novas estratégias de sobrevivência em um processo crescente de (re)territorialização e de busca de autoafirmação nos territórios ocupados. Devido a este processo, há um discurso corrente de estigmatização dos Terenas que assevera que eles abandonaram suas raízes, se aculturaram, "deixaram de ser índios" ou se tornaram "índios urbanos". Neste contexto de estigmatização e de institucionalização de sentidos vários sobre o sujeito índio, propomo-nos a problematizar as representações imaginárias desses sujeitos sobre si, a partir de uma publicação na rede social Facebook. São territorialidades próprias que se configuram como importante elemento na constituição identitária desse povo, singularizando-os tanto no que refere à luta pelo direito à terra, quanto na relação com a cultura do "homem branco" em seu entorno.

Nossa referência teórica é a Análise do Discurso de linha francesa a partir dos recortes conceituais de memória, interdiscurso e formações discursivas propostos por Pêcheux (2009), da formulação do conceito de formações discursivas realizada por Foucault (1986) e da problematização de noções como identidade, processos identitários e fronteira realizadas por Hall (1997), Coracini (2003), além das concepções de território e territorialidade propostas por Haesbart (2004).

Referencial teórico

Dado o complexo arcabouço teórico da Análise do discurso de linha francesa e os limites desse trabalho, focalizaremos apenas os conceitos que serão necessários para a análise que empreenderemos: memória, interdiscurso e formações discursivas. Em consonância com a perspectiva teórica assumida, consideramos que o sujeito é múltiplo, heterogêneo, clivado, "fragmentado, esfacelado, emergindo apenas pontualmente pela linguagem, lá onde se percebem lapsos, atos falhos" (CORACINI, 1995, p. 11). A linguagem, por sua vez, não é transparente, não é neutra; carregada de conteúdos simbólicos, através dela confrontamo-nos cotidianamente com o mundo, com os outros sujeitos, com os sentidos, com a história, contribuindo, com os nossos pensamentos e ações, para reproduzi-los ou transformá-los. A linguagem é efeito de sentidos entre sujeitos historicamente situados, articula conflitos e relações de poder, constitui subjetividades e identidades.

Se compreendermos as identidades como sendo formadas por fragmentos de crenças, valores, ideologias que nos precedem e que recebemos como herança – e que, por isto mesmo, podem sofrer modificações, transformações, – é possível afirmar que elas se constroem na/através da linguagem. Estes fragmentos de múltiplos fios dos discursos que constituem a memória discursiva se entrelaçam, se mesclam e se entretecem formando o interdiscurso (PECHÊUX, 2009).

Para Foucault (1987, p. 43), os discursos são uma dispersão, ou seja, são formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade *a priori*, cabendo à Análise do Discurso descrever essa dispersão, buscando as "regras de formação" que regem a formação dos discursos. Assim, para o autor, "sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva" formada por agrupamento de enunciados que adquirem estatuto de "atos discursivos sérios", isto é, enunciados que manifestam uma incessante "vontade de verdade".

Através dessa rede discursiva, expressamos e simbolizamos nossa realidade cultural, criamos e incorporamos experiências e nos constituímos enquanto sujeitos sociais. Assim, não podemos falar em identidades fixas ou permanentes, as identidades são formadas e transformadas continuamente, tornando-se uma "celebração móvel" (Hall, 2006). Segundo Rajagopalan (1998), as identidades estão sempre em estado de fluxo, pois possuímos inúmeras matrizes identificatórias e somos portadores de várias identificações. As múltiplas vozes que são caracterizadas "pela dispersão, pela heterogeneidade, inteiramente vinculada ao momento histórico-social e ideológico, atravessam, de forma conflituosa e dissonante, a constituição identitária do sujeito" (CORACINI, 2003, p. 113). Se esse sujeito, como dissemos, é múltiplo, heterogêneo, clivado, barrado, não nos é possível falar de identidade como algo acabado, estável e fixo. Por isso, compreendemos que a identidade somente pode ser capturada por irrupções diversas no fio do discurso, quando o sujeito, inconscientemente, permite vir à tona a sua heterogeneidade.

Junto a este quadro teórico, utilizaremos os conceitos de território e territorialidade propostos por Haesbart (2004), uma vez que a trajetória de vida do povo Terena, suas lutas pela terra, suas constantes transformações e, por consequência, seus processos identitários, encontram-se em estreita relação com as suas territorialidades. Assim, a territorialidade aqui será abordada com o objetivo de compreender melhor a história da ocupação do território pelo povo Terena e as relações deste processo com as práticas culturais desse povo.

Partimos de uma concepção de território intrinsecamente articulada às relações de poder, poder compreendido aqui não apenas como o poder do estado, poder institucional, mas em termos relacionais, isto é, o poder que é inerente às relações sociais e que não é adquirido, mas simplesmente exercido. São essas relações de poder que, ao se apropriarem do espaço, formam os territórios e os caracterizam de acordo com suas práticas econômicas, políticas e culturais que "desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica'" (HAESBART, 2004, p. 95-96).

Se o território está relacionado à apropriação concreta e simbólica do espaço, à dominação e à posse, a territorialidade, por sua vez, é formada pelas relações sociais estabelecidas no território. A partir desta compreensão de territorialidade que articula as práticas culturais e econômicas de um povo em relação com o seu espaço, podemos perceber uma estreita relação entre a noção de territorialidade e os processos identitários. A territorialidade produz identidades à medida que sujeitos que compartilham e significam coletivamente o mesmo lugar desenvolvem o sentido de pertencimento àquele lugar e àquelas práticas, criando assim pontos de identificação uns com os outros que convivem dentro dos limites daquele território.

Assim, desta posição que busca analisar os discursos, pensamos ser possível problematizar os processos de identificação articulados aos processos de territorialização e os jogos discursivos que se instauram nesta articulação.

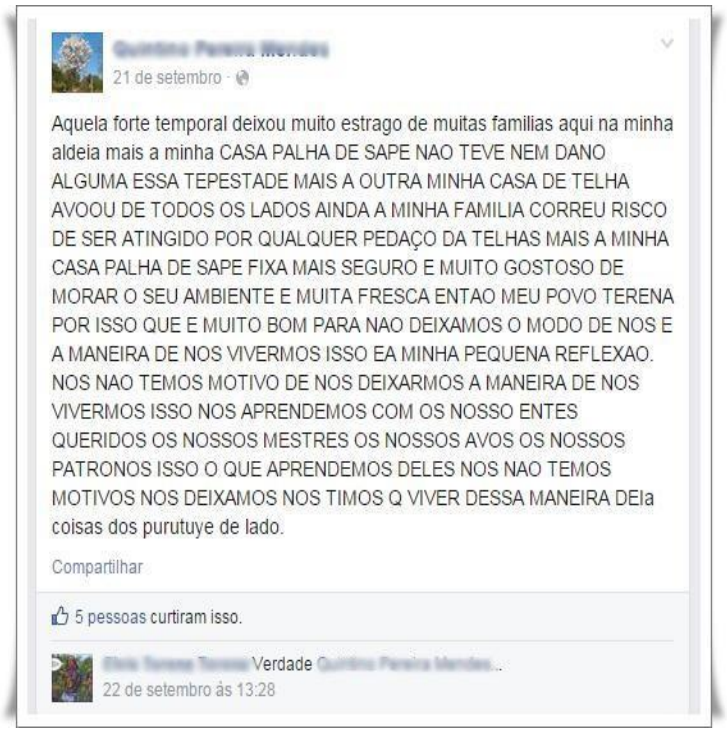
A vivência territorial e os processos identitários Terena

Com uma população estimada em 16.000 pessoas, os Terenas vivem atualmente em um território fragmentado e espalhado por sete municípios do Mato Grosso do Sul (MS): Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo, mas sua maior concentração está nos municípios de Miranda (Área Cachoeirinha) e Aquidauana (Área Taunay/Ipegue). Os povos Terenas possuem presença marcante no cotidiano da vida sul mato-grossense, seja por sua participação nas relações de comércio informal pelas ruas das cidades onde residem, seja na realização de trabalho temporário informal nas fazendas da região. Estas práticas econômicas podem ser melhor compreendidas ao considerarmos que a história deste povo se confunde com a história de lutas e reinvindicações de seus territórios originais, trajetória marcada pela rejeição e pela negação da sociedade envolvente e que produz diferentes formações discursivas que ora os caracteriza como índios dóceis, ora como índios interesseiros, ora como índios urbanos ou não índios (VARGAS, 2011).

Ao deixarem seus territórios tradicionais para lutarem junto ao Brasil na Guerra contra o Paraguai, os Terenas se viram diante de uma profunda dispersão de suas aldeias, uma vez que, findo o conflito, quando começaram a retornar aos seus territórios tradicionais, estes já haviam sido tomados em grande parte por terceiros. Os povos Terenas foram forçados, neste contexto, a buscar novos espaços e novas formas de exercício de sobrevivência. Dentre as estratégias adotadas, as mais comumente apontadas têm sido a abertura para o diálogo e a negociação, a facilidade de se abrir para o exterior, buscando incorporar ao seu patrimônio cultural, as experiências, práticas e memórias de outros povos (AZANHA, 2001). Segundo Azanha (2001), a partir da década de 80, o crescimento da população Terena, a exiguidade de área para a lavoura e a degradação de seu território afetaram diretamente a agricultura – principal atividade econômica exercida por esse povo até então – nas reservas Buriti, Cachoeirinha e Taunay-ipegue, fato que levou o autor a afirmar que não se vive da Reserva, mas na Reserva. Esta afirmação de Azanha interessa-nos especialmente para pensarmos a relação entre os processos de territorialização vivenciados pelo povo Terena e seus processos identitários.

É nesse contexto de institucionalização de sentidos vários sobre o sujeito índio que pretendemos entrever as relações entre os processos de ocupação dos territórios, as territorializações e as representações desses sujeitos sobre si mesmo. Assim, sempre considerando a trajetória e a relação com seus territórios, apresentamos a seguir as diferentes formações discursivas, os interdiscursos e os efeitos de sentido possíveis que perpassam a memória discursiva dos Terenas a partir da análise de uma sequência discursiva publicada no Facebook por um professor Terena:

Sequência Discursiva 1



Na sequência discursiva, temos uma postagem de um indígena que relata os estragos provocados por um temporal nas casas da aldeia em que vive[1], buscando convencer o seu povo de que as casas de sapé são melhores que as casas de alvenaria. Podemos depreender neste trecho posições sujeito diferentes: há uma posição de identificação com a cultura do branco que advoga a modernidade e o progresso, representados pela casa de alvenaria e outra posição de identificação com a cultura dos índios, a cultura da tradição, representada pela casa de sapé e transmitida, segundo o enunciado, pelos antepassados. Lembra-nos a clássica história dos três porquinhos em que as casas são construídas com estruturas e materiais diferentes: palha, pau e tijolo. Na versão aceita como original, e amplamente divulgada para as crianças da cultura ocidental, os dois porquinhos

[1] Importante contextualizar que, nos últimos cinco anos, através de projetos e incentivos vários, os órgãos governamentais construíram casas populares de alvenaria em aldeias indígenas Terenas e de outros povos do MS. Em Aquidauana mais especificamente, muitos indígenas vivem nestas casas populares recebidas, mas, por dificuldades de adaptação, não desocuparam suas antigas casas de sapé, passando a viver em duas casas ao mesmo tempo.

menores são devorados quando suas casas de palha e de madeira são destruídas e apenas o mais velho, cuja casa é feita de alvenaria, escapa devido à natureza da construção empregada, da sua capacidade de trabalho e de sua sabedoria. Há no interdiscurso a afirmação com grande valor de verdade de que as casas de tijolos são mais fortes e melhores.

No fragmento em análise, o emprego de marcas linguísticas indicadoras de contraposição – a partir do uso da conjunção adversativa *mas* (representada em sua forma coloquial "mais") expõe os dizeres oriundos de outras regiões de sentido e as filiações do sujeito com as formações discursivas com as quais se identifica. Assim, os enunciados "O forte temporal deixou muito estrago na aldeia *mas* a casa de palha de sapé não teve dano algum" e "A casa de telha avoou de todos os lados *mas* a casa de sapé ficou segura" expõem uma memória que prioriza e considera melhores as construções e os espaços em que vivem o homem branco e indica outra posição discursiva (em relação à modernidade e ao progresso) que orienta uma conclusão em favor do modo de viver dos índios, segundo o qual as construções de sapé são seguras e não oferecem riscos. Semelhante contraposição se realiza no enunciado "A casa de sapé é muito gostosa de morar, tem seu ambiente muito fresco" que aponta para uma valoração da casa de sapé não mais como espaço de segurança e sim como espaço de acolhimento e conforto em função de sua estrutura material. Percebe-se como os processos de ocupação do território se articulam às práticas culturais de um grupo e como os seus conflitos identitários se materializam nas territorialidades fragmentadas.

Se delimitarmos a sequência apresentada acima em duas partes, podemos considerar a primeira parte (da linha 1 à linha 7) como a sequência narrativa na qual o sujeito narra na primeira pessoa do singular a história do temporal e o que aconteceu com suas casas e família e a segunda parte (da linha 7 à linha 15) como uma sequência exortativa, que, pela própria tipologia de exaltação, inicia-se com a referência ao grupo "então, meu

povo terena", e assume-se, em seguida a primeira pessoa do plural através do uso do pronome "nós" que aponta para um coletivo cujos limites são necessariamente circunscritos ao grupo Terena. Certamente não é qualquer sujeito indígena que pode repetir esse enunciado. Trata-se de um sujeito indígena cuja profissão – de professor - ocupa um lugar de prestígio e de autoridade nas comunidades indígenas. É importante lembrarmos, em conformidade com Foucault (1986, p. 109), que os enunciados são regrados e que "descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito". Portanto, não é o indivíduo, ser empiricamente localizável e suas intenções ao dizer que estão em questão, mas a relação constitutiva entre sujeito e o que ele diz, relação historicamente determinada. Neste fragmento, é para o povo Terena que o sujeito indígena professor enuncia, utilizando como argumento o ensinamento passado, segundo ele, por seus ancestrais: "nós não temos motivos de nós deixarmos a maneira de nós vivermos. Isso nós aprendemos com os nossos entes queridos, os nossos mestres, os nossos avós" e finaliza seu texto com o enunciado: "deixa coisa dos *purutuye* de lado". Materializa-se discursivamente a disjunção em que os índios Terena encontram-se de um lado e, do outro, o conjunto formado pelos *purutuye* (homem branco) e põe em evidência a memória discursivizada de que os Terena abandonaram suas raízes e se tornaram índios urbanos. Daí a necessária advertência verbalizada pelo sujeito: "deixa coisa dos *purutuye* de lado".

Assim, a questão da disputa pela terra que se arrasta desde o século XIX e que provocou transformações fundamentais nas relações com a sociedade envolvente, o confinamento em reservas cuja exiguidade do espaço não permite que este povo dê continuidade às práticas econômicas e culturais de seus ancestrais, a opção por viver em dupla residência – a "casa do branco" e a "casa do índio – nos sugerem que a incerteza na

definição dos territórios afeta seus processos de territorialização e é parte constitutiva das identidades desses povos. Vargas (2010) chama a atenção para o fato de que esta trajetória de insegurança territorial faz com que a sociabilidade Terena se apresente como um eterno recomeçar. Consequentemente, podemos entender que as territorialidades Terenas apontam para um constante estado de fluxo.

Retomando a compreensão dos processos identitários apresentada por Coracini – a identidade é formada por fragmentos de crenças, valores, ideologias que nos precedem e que recebemos como herança, que podem sofrer modificações e transformações – é possível entrever que os processos de deslocamento e de mudanças territoriais dos povos Terenas, a intervenção governamental nos modos de organização de suas habitações, as formas de circulação pela paisagem urbana e as relações estabelecidas com a comunidade em seu entorno afetam e produzem transformações em suas compreensões do mundo e em suas práticas identitárias que, por sua vez, incidem na produção de territorialidades próprias.

Considerações Finais

Nas reflexões apresentadas, depreendemos o funcionamento de duas diferentes posições sujeito, constituídas em duas formações discursivas que estão relacionadas entre si por oposição. A primeira formação discursiva em que se pode dizer que os modos de vida do homem branco produzidos pelo desenvolvimento e pelo progresso são melhores que os modos de vida indígena e uma segunda formação discursiva em que se afirmam as práticas culturais e modos de vida indígena. Assim, os processos de identificação configuram uma relação conflituosa, que coloca em jogo a formação discursiva indígena e a formação discursiva não-indígena.

Naquilo que é tomado do nível da constituição (o interdiscurso) para a formulação, deixa-se entrever a memória a que se filiam os sentidos no

segmento analisado, memória que remete à valorização da cultura tradicional indígena, o que nos permite considerar uma construção identitária heterogênea e em constante transformação.

Nessa análise, pudemos perceber que há uma estreita relação entre os processos de territorialização e as representações presentes no imaginário Terena. A partir dos conflitos históricos vivenciados por estes povos, das suas crenças, das suas práticas culturais, de suas memórias e das imagens estereotipadas presentes em nossa sociedade acerca destes indígenas, as territorialidades são construídas, desconstruídas e reconstruídas.

Estas breves considerações nos apontam para a importância e a necessidade de aprofundar as reflexões sobre o modo como os sujeitos indígenas criam, constroem e reconstroem suas territorialidades a fim de compreendermos melhor seus processos identitários.

Referências

AZANHA, Gilberto. As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul. *Revista de Estudos e Pesquisas*, FUNAI, Brasília, v.2, n.1, p.61-111, jul. 2005

CORACINI, Maria José R. F. (Org.). *O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula (língua materna e língua estrangeira)*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CORACINI, Maria José R. F. (Org). *O jogo discursivo na aula de leitura. Língua materna e língua estrangeira.* Campinas: Pontes, 1995.

COSTA, Adriana Aparecida Vaz da; HONÓRIO, Maria Aparecida. Lugares de identificação do sujeito-índio no discurso do conhecimento: entre lugares. In: CELLI – *Colóquio de estudos linguísticos e literários.* 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1095-1103.

FOUCAULT, Michel. [1969]. *A arqueologia do sabe*r. Rio de Janeiro, Forense niversitária, 1987.

GUERRA, Vânia M. L. *O indígena de Mato Grosso do Sul: práticas identitárias e culturais.* São Carlos: Pedro & João, 2010, 160 p.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2009.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). *Linguagem e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.21-45.

VARGAS. Icléia Albuquerque. Territorialidade e representação dos Terenas da Terra Indígena Buriti (MS) – possibilidades didáticos pedagógicos. In: SERPA, A. (Org.). *Espaços culturais*: vivências, imigrações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008

VARGAS, Vera Lúcia. A dimensão sociopolítica do território para os Terena: as aldeias no século XX e XXI. RJ: UFF, 2010. (tese de doutoramento)

[i] E-mail da autora: naircristina.medeiros@gmail.com
[ii] E-mail da autora: claudetecameschi@gmail.com

ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

MURILO RUBIÃO, LEITOR: AS RESSONÂNCIAS MITOLÓGICAS PRESENTES EM *TELECO, O COELHINHO*

Murilo Rubião, reader: mythological resonances present in Teleco, o coelhinho

Amanda Naves Berches[i]
Universidade Federal de Alfenas
Wellington Ferreira Lima[ii]
Universidade Federal de Alfenas

Resumo: O presente artigo visa a analisar em que medida o conto *Teleco, o coelhinho*, de Murilo Rubião, tem referências da mitologia grega, sobretudo provenientes da obra clássica *Odisseia*, de Homero. Além disso, há a intenção de identificar, a partir das leituras sugeridas na contística de Murilo Rubião, os valores que a principal personagem do conto em questão, o coelho Teleco, pode adquirir por meio do viés mitológico, principalmente pelas correspondências com o Telêmaco homérico.

Palavras-chave: Murilo Rubião; Telêmaco; *Odisseia*.

Abstract: The present article aims to analyze by what means the short story *Teleco, o coelhinho*, by Murilo Rubião, has references from Greek mythology, especially from the classical work *Odyssey*, by Homer. Furthermore, there is the intention of identifying, from the readings which are suggested in Murilo Rubião's works, the values that the main character of the referred short story, the rabbit Teleco, may get resorting to the mythological bias, mainly by the affinity with the Homeric Telemachus.

Keywords: Murilo Rubião; Telemachus; *Odyssey*.

Introdução

Houve um momento em que mito e logos andaram juntos, em que a tradição se fazia presente e não se encontrava quaisquer outras tentativas se não as de fundamentar e justificar o homem em seu universo. O mito era, de fato, vivido, experienciado, era palavra viva, experiência factual do mundo, perpetuado sem razão de o ser, não dispondo de nenhum outro fim

que não o seu próprio. A partir do momento em que o mito foi submetido ao estatuto da razão e, com isso, sofreu tentativas de organização e ordenação, em que houve uma racionalização mítica, foi que se deu a cisão final entre mitos e logos. Foi quando aquele que se chama por Homero, ao tecer as primeiras grandes manifestações da literatura ocidental, as obras *Ilíada* e *Odisseia*, também se apropriou de uma tradição oral em que vigoravam valores míticos, transpondo-a para a esfera do poético. Foi quando Evêmero, no século III a.C., tentou explicar os mitos por uma perspectiva histórica. Foi assim que, na Grécia, o mito, não mais podendo ser vivido ou experienciado, foi cedendo lugar à mitologia, isto é, ao estudo sobre os mitos, no sentido de que uma começa onde o outro termina.

Desde então, a mitologia grega passou a se configurar como um sistema que se esforçou em entender o mito antigo, o que não excluiu a possibilidade de o mito, mesmo já distante em termos de realização e experiência, ter sido um objeto sobre o qual vários houveram de se debruçar reiteradamente até chegar à era atual. Por dado motivo, é que Gaston Bachelard consegue afirmar que a mitologia se encontra convertida em "uma sequência de poemas", sendo "compreendida, amada, continuada pelos poetas". "Haveria melhor prova", sugere o mesmo autor, "de que os valores míticos permanecem ativos, vivos?" (DIEL, 1991, p. 10).

A mitologia grega persiste pela atualidade com o auxílio de cineastas, escultores e escritores contemporâneos, tendo conhecido novas perspectivas nas quais é vislumbrada perante os olhos do presente, os olhos do agora. É como acontece com a contística de Murilo Rubião, enveredada pelo realismo fantástico, como sustenta Jorge Schwartz (1981), a fim de ensejar leituras diversas que se tornam possíveis se observados os subtextos presentes, apontados por Sandra C. Nunes[1] em *Visões da crítica*, entre eles o

[1] Disponível no *site* de Murilo Rubião no endereço: https://goo.gl/4f7qTc.

mitológico. No entanto, o que a mitologia grega teria efetivamente a oferecer à leitura dos contos murilianos?

Primeiramente, algo que justificaria uma possível citação intertextual é o fato de o mito ser análogo à fantasia, à medida que, ao logos e à razão, os dois respectivamente se opõem, sem contar o fato de ambos comportarem em si próprios elementos que transgridem a realidade objetiva, tal como o sobrenatural. A essa citação intertextual, referir-se-á, aqui, não como mítica, mas, sim, como mitológica, e o porquê será melhor entendido a seguir. Como bem afirmou Jacyntho L. Brandão, o mito não poderia diferir daquilo que representava, o que pressuporia ausência ou inexistência da palavra em si. Contudo, o "ato humano de *recolher*, *dizer* e *significar* as coisas" (BRANDÃO, 1985, p. 12) implicou um trabalho do logos sobre o mito, a partir do qual coisa e palavra se separaram, tornando-se inconcebível a citação mítica. Assim sendo, Murilo Rubião não recupera o mito ao engendrar os seus contos, pois nem se quisesse o poderia, frente à impossibilidade de realizá-lo factualmente como os antigos gregos o teriam feito. Apesar disso, de acordo com o mesmo crítico, a consciência coletiva "tira seus dados de um inconsciente coletivo criado na Grécia, cuja epifania se dá nos mitos", os quais representam "a conscientização e cristalização do processo subjacente à formação de nossa cultura" (BRANDÃO, 1985, p. 13). Logo, o que o autor mineiro faz é se empenhar para que o mito seja contemplado a partir das fontes disponíveis, como os clássicos de Homero. Trata-se de uma citação que tem por particularidade ser aurática, uma vez que não se pode evocar aquilo que não se tem. Evoca-se, sim, a ideia do mito.

Os contos murilianos se configurariam, então, como o perfeito sítio para vincular o mitológico ao fantástico. Além disso, a escolha de Murilo Rubião pode ter sido motivada em virtude de o universo mitológico ser capaz de remeter a um outro espaço que pode ser explorado à luz do fantástico, de corroborar o propósito dos subtextos. Ou seja, Murilo Rubião

parece intuir o mito para construir algo – como faz com a personagem de Teleco em *Teleco, o coelhinho* –, algo que escapa à realidade, ganha amparo no fantástico, principalmente por meio de traços mitológicos. É o que pretende sustentar o artigo.

Enfim, a questão a ser discutida é a seguinte: teria Murilo Rubião realmente recorrido aos clássicos ao conceber sua contística? Se a resposta que se pretende é sim, então há de se mostrar, agora, em que circunstâncias a certeza de uma recepção prevalece, pelo menos no que concerne ao referido conto. Mais tarde, se a resposta ainda for sim, é que talvez se consiga delinear os efeitos alcançados pelo autor a partir de seu posicionamento quanto à tradição literária mitológica.

Herança mitológica em potencial: entre a epopeia e o conto

As obras atribuídas ao poeta chamado por Homero são tidas como pontos iniciais da literatura que se formou com base no pensamento grego, inclusive no que diz respeito ao pioneirismo de representação literária do mitológico, e como evidências escritas de continuidade e de preservação de uma tradição oral, além de, mesmo hoje, servir como paradigmas para composições posteriores, como o trabalho pretende corroborar. Nessas epopeias homéricas, narrou-se acerca de grandes lutas, acerca dos feitos de ilustres varões, que logravam o estatuto de heróis, situando-se entre as esferas humana, dado o advento de sua mortalidade, e divina, pela excepcionalidade e excelência de ações.

Exemplo insigne em que sucedem os eventos citados é *Ilíada*, que, além de relatar sobre decorrências da guerra de Troia, também evidencia o fato de que a epopeia se configura como o campo em que melhor eram demonstradas as virtudes guerreiras dos heróis, em que estes mais se aproximavam do divino e manifestavam maior seguridade de si. É, pois, o caso de Odisseu, o qual participa desse mesmo conflito e dele se destaca graças à sua solércia, mas tem, interessantemente, seu regresso pós-guerra

à terra natal, a ilha de Ítaca, narrado em outra obra homérica, *Odisseia*.

Contudo, por quais razões poderia ter um dos contos de Murilo Rubião sido direcionado à obra homérica, havendo forte possibilidade de estar, assim, articulado à questão mitológica? O objeto do qual se parte é o conto *Teleco, o coelhinho*, em que se tem a história do personagem-título, um coelho de nome "Teleco", usando do artifício metamórfico com o objetivo, além da busca por uma identidade, de que fosse aceito pelo outro. É assim que, em sua forma original, a de coelho, conhece o narrador em uma praia, pedindo-lhe um cigarro em uma abordagem pouco convencional, mas acaba, em seguida, por simpatizar e criar laços com ele, a ponto de ser levado à sua casa, na qual passam a residir juntos. Essa é a conjuntura inicial desse conto de Murilo Rubião, publicado, pela primeira vez, em 1965, no livro *Os dragões e outros contos*.

Assim sendo, uma das razões mais manifestas é a metamorfose, comum na mitologia grega, como apontam os clássicos de Homero e Ovídio, mas também altamente presente e abordada contemporaneamente, como aponta o conto. Essencial à discussão metamórfica, uma figura em particular se destaca dentro da mitologia grega, que é a de Proteu, cuja narrativa mais famosa está na obra *Odisseia*. É em seu quarto capítulo que há de se descobrir uma divindade marinha, cujas capacidades se resumem à metamorfose e à profecia de eventos futuros. Dessa última, desfrutavam somente os que conseguissem, pela paciência, esgotar seu acervo metamórfico, obtendo, assim, os vaticínios que dele desejavam; antes disso, Proteu haveria "de tentar transformar-se na forma de todos os sêres / que sôbre o solo rastejam, e em chamas ardentes e em água." (HOMERO, 2005, IV, v. 417-8). Foi o que aconteceu com Menelau, que, com a ajuda da filha de Proteu, conseguiu vencê-lo e dele arrancar, entre outros fatos, o de como retornar ao lar. Mesmo curta, a passagem em questão se dá em virtude de Menelau contar a Telêmaco, filho de Odisseu, o que sabia sobre o paradeiro de seu pai com base nas predições do "velho marinho infalível" (HOMERO,

2005, IV, v. 349). À vista disso, foi possível relacionar a figura mitológica de Proteu ao protagonista do conto muriliano, Teleco, a respeito do qual se descobriu "que a mania de metamorfosear-se em outros bichos era nele simples desejo de agradar ao próximo" (RUBIÃO, 2014, p. 53).

Ou seja, foi por meio de Proteu que começaram as correspondências entre as obras clássica e contemporânea, que progrediram também em função do elemento marítimo. Isso porque, em primeiro lugar, *Odisseia* é introduzida pelo narrador de modo a se fazer notar, além das peripécias do varão Odisseu, o mar e os sofrimentos por ele causados: "Muitas cidades dos homens viajou, conheceu seus costumes / como no mar padeceu sofrimentos inúmeros na alma, / para que a vida salvasse e de seus companheiros a volta." (HOMERO, 2005, I, v. 3-5). O mar parece se comportar, como aponta José C. de Souza (1966), para além do que somente o caminho das embarcações e homens, como um dos meios obstantes ao regresso de Odisseu, pelo qual o herói passa por dolorosos episódios, a se constatar nestes versos: "Todos os que conseguiram fugir da precípite Morte / já se encontravam na pátria, da guerra e do mar, enfim, salvos" (HOMERO, 2005, I, v. 10-11).

Além disso, o fato de o mar se colocar como um empecilho à volta de Odisseu decorre de o herói ter também cegado o ciclope Polifemo, filho de Poseidon, o que instaurou o ódio na divindade-mor dos mares, garantindo que o pai de Telêmaco permanecesse longe de sua terra (HOMERO, 2005, I, v. 68-79). Ainda nessa perspectiva, Souza (1966) chega a ressaltar que o mar, principalmente ao longo do quarto capítulo da *Odisseia* – que, por sinal, traz o deus marinho Proteu –, é evocado para que assim o sejam os feitos seus, como conduzir dramaticamente homens (entre eles, o próprio Odisseu) a guerras, engolir e assolar navios, decidindo, enfim, os destinos daqueles que ousaram atravessá-lo.

Aproveita-se, por este ângulo, a articulação feita por Marcel Détienne e Jean-Pierre Vernant sobre o contexto marítimo, sendo um dos possíveis

domínios em que a *métis* – conceito, de modo sucinto, relativo às "astúcias da inteligência" – pode ser exercida, o seu campo de ação. Cabe pensar que Proteu, em comum com os outros deuses marinhos, possui, "além do polimorfismo, uma inteligência astuta e um saber do tipo oracular" (2008, p. 102) e em que isso pode ser articulado com Teleco. Em conformidade com os mesmos autores, a metamorfose e os oráculos da água se combinam em divindades como Proteu, que são ondulantes e inapreensíveis, ambíguas e contraditórias, dotadas do saber do futuro, isto é, daquilo que pode vir a ser.

No começo de *Teleco, o coelhinho*, faz-se presente também o mar, em frente ao qual Teleco justamente conhece o narrador, convencendo-o, por conseguinte, de que convidá-lo à sua casa seria uma opção viável. Nesse sentido, Teleco, mais uma vez, pode ser associado à figura de Proteu, a julgar principalmente pelo dom da astúcia e da metamorfose que têm em comum, além do vínculo com o mar que ambos estabelecem. Entretanto, é também à vista do mar que o narrador se encontrava "absorvido com ridículas lembranças" (RUBIÃO, 2014, p. 52), passagem em que já se configuraria um possível conflito entre o passado, expresso pelas memórias da última personagem, e o futuro, expresso, exatamente como com Proteu, também por Teleco. Aliás, quanto a isso, vale lembrar que o futuro do coelho não é aquele linear, à luz de uma progressão coerente de acontecimentos, mas, sim, ondulante, líquido, já que a personagem passa por contingentes metamorfoses com fins incertos e imprevistos. Assim, o que se pode constatar é que o mar não parece ter sido colocado de modo aleatório no referido conto.

É relevante salientar que é impossível a defesa de que Murilo Rubião não tinha ciência do mitológico Proteu, posto que, em outro de seus contos, *Petúnia*, se faz clara a referência à figura, como indicam os próximos excertos: "— Papai, quando virão os proteus?" (RUBIÃO, 2014, p. 184) e "Ao lado, bailavam risonhos os titeus e proteus." (RUBIÃO, 2014, p. 188).

Falando no conto "Petúnia", uma de suas principais personagens, Éolo, se originou igualmente na mitologia grega, sendo o deus dos ventos, e aparecendo também na *Odisseia* em seu décimo capítulo. Ora, mesmo que não caibam a Proteu ou a Éolo maiores ênfases desta análise, constata-se, por meio da obra homérica e tais personagens, uma chave de leitura, um rastro deixado pelo autor a sugerir o teor mitológico de sua obra, uma passagem a dar direção a elementos que melhor ensejariam a compreensão de sua contística como um todo, norteando potenciais estudos.

Não obstante, podem ainda ser observadas maiores referências de *Teleco, o coelhinho* a *Odisseia*. Para tanto, é necessário levar alguns tópicos em consideração, como o fato de a obra homérica abrigar também a figura de Telêmaco, fruto da união de Odisseu à Penélope, com a qual o Teleco poderá vir se corresponder. Trata-se de uma referência possível somente pela mediação de Proteu, o primeiro a dialogar com o conto a partir de temáticas comuns com o coelho muriliano, como a metamorfose e a conexão com o mar. À vista disso, também se deve levar em consideração que, ao menos no início da obra homérica, é Telêmaco aquele a garantir evidência, evoluindo e desenvolvendo, durante a procura por seu pai – desviado inúmeras vezes, por vários motivos, de sua rota –, seu potencial guerreiro e sua formação enquanto homem. Na última obra e personagem referidas recai o maior foco da análise do presente trabalho, considerando que é com Telêmaco que mais se relacionará Teleco. Tornar-se-á inegável, como se quer mostrar aqui, o parentesco entre as composições. Com isso, a intenção é perceber como o legado homérico, com o amparo da figura de Telêmaco, foi recebido pela gênese muriliana no conto *Teleco, o coelhinho*, principalmente pelo protagonista Teleco.

OS LIMITES ENTRE TELÊMACO E TELECO

Decerto, algo que, após a leitura da seção anterior, já tenha sido percebido é a semelhança entre os nomes das personagens sobre as quais, aqui, se intenciona refletir, "Telêmaco" e "Teleco", havendo apenas a

supressão de duas letras do primeiro nome para o segundo.

Porém, não é só pelos nomes que se dá a proximidade entre Telêmaco e Teleco, pois há mais afinidades que podem ser estipuladas. Ainda no começo de *Teleco, o coelhinho*, é possível perceber, além da presença marítima, quão meritório é o modo como Teleco consegue, em pouco tempo, sair de uma abordagem grosseira, passar por uma interpelação mais polida, até chegar a uma conversa de "velhos amigos" (RUBIÃO, 2014, p. 52) com alguém que apenas acabara de conhecer, operando, como já dito, sua astúcia perante o narrador. Em Telêmaco, as aptidões retóricas e a ligação com o mar se fazem igualmente presentes, pois a personagem se trata de um navegante que, apesar de constantemente visto à sombra do pai Odisseu, pelo menos nos discursos parece ganhar um maior reconhecimento, já que causavam os deuses inspiração para tal: "Foram teus mestres, por certo, Telêmaco os deuses eternos, / que te ensinaram o orgulho e a falar desse modo grandíloquo." (HOMERO, 2005, I, v. 384-5).

Ou seja, é defensável afirmar que o começo do conto muriliano dá refúgio a pontos em que se correspondem a sua personagem principal, Teleco, e a personagem homérica também de destaque, Telêmaco. Outro aspecto que aproxima as personagens citadas é a condição de hóspedes em que estiveram durante suas trajetórias, não sendo de todo espanto o fato de que Teleco não se dá bem com os vizinhos do narrador tal e qual Telêmaco com os pretendentes de Penélope.

Entretanto, anterior ao corpo do conto propriamente, algumas das temáticas de contato apresentadas entre obras, como a marítima, já se mostravam acessíveis pela epígrafe, elemento literário recorrentemente empregado por Murilo Rubião. Dada a extrema relevância das epígrafes à obra muriliana, considerando, a saber, que nelas continham pontos específicos e imprescindíveis ao entendimento dos contos, discorrer-se-á mais sobre elas em breve. Mas, antes disso, esteja confirmada a presença do mar na epígrafe do conto em questão, *Teleco, o coelhinho*, que segue na

íntegra: "Três coisas me são difíceis de entender, e uma quarta eu a ignoro completamente: o caminho da águia no ar, o caminho da cobra sobre a pedra, o caminho da nau no meio do mar, e o caminho do homem na sua mocidade.". Existe, assim, a passagem proveniente da Bíblia Sagrada, do livro bíblico *Provérbios* (XXX, 18-19), que logo assinalaria, enquanto a epígrafe do conto, o caráter antagônico do mar, na medida em que este se configura – o contexto e a estrutura do período sugerem pela respectividade – como um dos três itens suscetíveis à incompreensão.

A utilização de epígrafes bíblicas introdutórias aos contos é uma das mais conhecidas peculiaridades da contística muriliana. Aliás, sobre isso, o autor, nove dias antes de morrer, sustentou em sua última entrevista, concedida à Folha de São Paulo em 1991 e disponível[2] no *site* oficial em sua homenagem, algo intrigante e que muito enriqueceria a hipótese do subtexto mitológico ao querer dizer que suas epígrafes eram sempre extraídas do Antigo Testamento:

> E só do antigo testamento, que é exatamente o mais mitológico, o mais forte, e de uma religiosidade violenta... Não tem aquela coisa de multiplicar pão nem peixes. É aquela violência das profecias, do mundo acabar, do castigo, de Deus castigar violentamente os infiéis, um Deus que expulsa Adão e Eva do Paraíso, que é pouco compreensivo, mas autêntico.

Como assegura Antoine Compagnon, a epígrafe se torna uma citação por excelência, de valor complexo, e representa, de alguma forma, o que está para ser dito: "Sozinha no meio da página, a epígrafe representa o livro – apresenta-se como seu senso ou seu contrasenso –, infere-o, resume-o." (2005, p. 121). Além disso, estabelece-se, por meio dela, a relação do texto com um outro texto, do texto com um autor antigo, ou seja, exatamente aquilo que se enxerga nos contos murilianos. Conforme palavras de Murilo Rubião em entrevista, as epígrafes por ele empregadas sugerem, ao que parece mais uma vez, o diálogo com a matéria mitológica nos contos, porém, nessas ocasiões, por meio do viés bíblico. É a fusão do que é bíblico

[2] Endereço: https://goo.gl/w8wh5L.

e mitológico um dos fatores que garantem uma obra tão singular e, assim sendo, tão fantástica, dentro dos mais variados sentidos que a palavra pode adquirir.

Em *Teleco, o coelhinho*, isso não é diferente. Em se tratando de Murilo Rubião, é presumível que a epígrafe desse conto abrigue ainda mais vestígios do que aparenta. Apesar de, na epígrafe do conto, ter sido o que o Eloísta diz ignorar, não se pode, aqui, ignorar a parte que diz sobre "o caminho do homem na sua mocidade", simplesmente uma sentença essencial a todo o conto. É ela que abre as portas para, talvez, a maior chave de entendimento proposta neste trabalho.

Como se viu há instantes, a epígrafe do conto que tem o coelho Teleco como protagonista reporta ao jovem, à juventude. Existe, surpreendentemente, uma versão grega[3] correspondente ao nome "Teleco", sendo ela "τηλικος", cujo significado está relacionado à idade e, mais amplamente, ao tempo. Uma de suas transcrições é: "*of such an age, so old* or *so young*"[4], tratando-se daquilo que é ou muito novo ou muito velho, uma definição que entra em consonância com vários trechos do conto, como quando o narrador, ao contemplar o mar juntamente com o coelho e escutar dele histórias aleatórias, o supôs "com mais idade do que realmente aparentava" (RUBIÃO, 2014, p. 52). Outro significado atribuído a "τηλικος" é "not *so young* as to stay at home", algo como "não tão jovem para ficar em casa". Curioso é pensar como Teleco é expulso da casa do narrador quando na forma de homem e finda o conto, de volta à mesma casa, na forma de uma criança. Aí, o "jovem" e o "velho" se fazem também presentes. Enfim,

[3] "Telikos": I. "*Of such an age, so old* or *so young*" (…), "not *so young* as to stay at home" (…); II. "*So great*" (…).

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robertt. *A Greek-English Lexicon, revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the assistance of Roderick McKenzie*. Oxford: Clarendon Press, 1940.

[4] Cuja tradução mais literal seria: "*De certa idade, muito velho* ou *muito novo*".

percebe-se que há, já por meio do nome "Teleco", uma marca linguística que remete ao campo do temporal.

Um importantíssimo parêntesis: dois itens da epígrafe bíblica do conto *Teleco, o coelhinho* agregam e são de extrema importância à análise, sendo eles "o caminho da nau no meio do mar" e "o caminho do homem na sua mocidade". Ou seja, elementos como o mar e o tempo se fazem presentes também pela epígrafe e, nesse sentido, é importante, inclusive, ponderar como Telêmaco traça o caminho para fora da mocidade em uma nau. Assim sendo, "τηλικος", tido cá como "Teleco", e a implicação de suas definições, pela relação com questões de tempo, idade e juventude, concordam absurdamente com a condição inicial de Telêmaco na Telemaquia. Aí, Telêmaco e Teleco se correspondem mais uma vez.

Contudo, no começo da obra homérica, constata-se um Telêmaco que, por se tratar ainda de um "jovem" (como em: XV, v. 496; XX, v. 241), uma "criança" (como em: XVIII, v. 229, 530; XX, v. 309), termos usados para se referir à personagem, sofre de infortúnios como ingenuidade e falta de experiência, completamente naturais a um de sua idade. Esses são alguns dos elementos que justificam o porquê de Telêmaco jamais ter conseguido, por exemplo, expulsar aqueles que desonravam Odisseu, tentando ganhar a mão de Penélope, ou mesmo ser ouvido, respeitado, isto é, se impor perante eles, amargando-se, assim, pelos abusos que cometiam. Quando Palas Atena, na forma de – literalmente – seu mentor, o convence de se ausentar, é que se passa a acompanhar como Telêmaco, de modo claro e nítido, abandona a sua condição anterior e inicia sua trajetória para se tornar herói e homem, capaz de, como bem já disse Carlos A. Nunes (2001), em prefácio de sua tradução à *Odisseia*, tomar parte em acontecimentos ao seu redor. Exemplo disso é quando auxilia Odisseu, ativa e fortemente, no combate dos pretendentes da mãe (HOMERO, 2005, XXII, v. 170-501). Assim, instaura-se também uma aparente necessidade de Telêmaco de se fazer homem: "Que ninguém faça, portanto, nenhuma insolência aqui

dentro, / pois já me encontro capaz de observar as ações e entendê-las, / todas, as boas e más, pois agora já não sou criança." (HOMERO, 2005, XX, v. 308-0).

Eis, então, a melhor correspondência entre as obras. Se Telêmaco passa por toda essa metamorfose (se é que assim podemos chamá-la) ao final da juventude, deixando o "moço" (como em: XV, v. 110; XX, v. 295; XXI, v. 313) para se tornar um homem feito, parece que também o faz, em alguma medida, Teleco. É certo que a personagem de Murilo Rubião nada apresenta de herói do modo como o faz Odisseu – talvez seja até o oposto disso, a se ver pela trágica morte de Tereza, personagem por quem o coelho se apaixona –, mas apresenta aspectos relativos ao homem, uma vez que Teleco se pretende homem. Logo pela epígrafe, com a qual, como já apontado, é preciso maior cautela, é possível captar, além da história de um coelho que passa por inúmeras metamorfoses desejando uma identidade, principalmente uma reflexão sobre "o caminho do homem na sua mocidade" (RUBIÃO, 2014, p. 12), conforme aponta Vera L. Andrade em prefácio, intitulado "Vida e obra de Murilo Rubião", ao livro de contos murilianos.

Depois de ter se transformado em diversos animais, tais como tigre, pulga e canguru, Teleco resolve se estabelecer na forma de Antônio Barbosa. É quando conta com o amparo de Tereza, à qual cabe, sobretudo, o ofício de confirmar a condição humana de Teleco. Ora, o amparo feminino não é novidade, uma vez registrada, na jornada de Telêmaco, a presença de Palas Atena, assistindo sua formação de herói e de homem. Retornando ao conto, Teleco, ao sair de modo drástico da casa do narrador na companhia de Tereza e arranjar o emprego de mágico, insistia em se afirmar como o homem Barbosa, ainda que não tivesse completamente abandonado suas metamorfoses. Ademais, a mesma necessidade de se fazer homem que se viu em Telêmaco parece se estabelecer também aqui, pois há mais de um trecho em que isso é percebido: "— De hoje em diante serei apenas homem."

(RUBIÃO, 2014, p. 55) e "— Não, sou um homem!" (RUBIÃO, 2014, p. 58).

É interessante também observar como as personagens de Telêmaco e Teleco passam a ser vistas por um ângulo mais hostil após atingir o status de homens, tendo em vista que, anteriormente, embora carentes de algumas virtudes, eram dotadas de outras, como juízo e docilidade. Quanto a Telêmaco, Penélope ainda haveria de defender que o filho, agora um homem, não mais possuía "o espírito dentro do peito" (HOMERO, 2005, XVIII, v. 215), além de alegar: "Ora que a idade viril atingisse e já estás mais crescido, / por modo tal que, se gente de fora te visse tão belo / e de tal porte, julgara que de homem ditoso nasceste, / já não demonstras possuir reflexão nem justiça no peito." (HOMERO, 2005, XVIII, v. 217-0). Quando criança, Telêmaco era mais servido, na opinião de Penélope, de valores como "tino" (HOMERO, 2005, XVIII, v. 216), em comparação com sua fase mais madura. Já quanto a Teleco, convertido em Antônio Barbosa, a personagem passou também a manifestar "hábitos horríveis" (RUBIÃO, 2014, p. 56), passagem em que talvez estejam maiores críticas de Murilo Rubião à condição humana. Isso se dá tanto no que diz respeito às atitudes que tinha, como "a extrema vaidade que o impelia a ficar horas e horas diante do espelho" (RUBIÃO, 2014, p. 56), quanto à sua própria figura, de "pele [...] gordurosa, membros curtos, alma dissimulada" (RUBIÃO, 2014, p. 56). Assim sendo, é até plausível dizer que há uma metamorfose, uma transformação relativa à representação de Telêmaco e Teleco, visto que ambos acabam recebendo, na medida em que se tornam, com efeito, homens, traços negativos pelas obras.

Em *Teleco, o coelhinho*, essa mudança de perspectiva pode ser averiguada também quando o coelho, na configuração de um homem, sofre investidas por parte do narrador, culminando tal episódio na expulsão de Antônio Barbosa de sua casa: "— Se é Barbosa, rua!" (RUBIÃO, 2014, p. 56). Na visão do narrador, sendo Teleco agora um homem, é admissível que consiga, por exemplo, moradia e sustento por conta própria, podendo dar,

assim, novos rumos à sua vida. Algo similar a essa ocasião já foi, aqui, apontado, quando Palas Atena impulsiona Telêmaco a sair do lar na tentativa de que encontrasse o pai Odisseu, dizendo-lhe que deveria tomar atitudes mais condizentes com a idade adulta então alcançada: "Tu, também, caro! Crescido te vejo e com bela aparência. / Sê corajoso, porque também possam vindoiros louvar-te." (HOMERO, 2005, I, v. 301-2).

Porém, há um momento em que Telêmaco e Teleco se desencontram. É de se atentar que, se é linear o percurso temporal de Telêmaco na *Odisseia*, isso em relação à sua idade, às fases de sua vida, havendo a personagem partido da condição de inocente criança em direção à consolidação do homem e herói em si, não o é o de Teleco em *Teleco, o coelhinho*. Depois de se transformar no maior número possível de animais e também em um homem, finda-se o conto com a última e mais inusitada metamorfose de Teleco. Tratava-se, dessa vez, de uma criança, porém já morta. Às avessas de Telêmaco, o percurso da personagem muriliana assim se configura: com a forma inicial de um coelho, Teleco se transfigura em inúmeros animais, logo chegando à forma de um homem e, por fim, à de uma "criança encardida, sem dentes" (RUBIÃO, 2014, p. 59).

Este é um tópico crucial em que há divergências entre tais personagens, isso porque, com elas se equiparando em diversos graus, como visto ao longo do artigo, é admissível que ainda se encontre uma significação a mais, algo que Murilo Rubião tenha assinalado ao trazer todo a narrativa de Telêmaco à tona. Sim, é claro que existe um objetivo quando se faz uma aproximação em tantos níveis; não obstante, quando o foco está naquele que se pretende e se quer divergir disso, existe também um outro efeito que se quer mostrar. Nesse caso, observou-se que múltiplos vestígios convergiram para uma verossímil relação entre Telêmaco e Teleco, acompanhada por aspectos relativos, a saber, ao tempo e fases da vida, especialmente o que transita entre o juvenil e o adulto. Por conseguinte, agora que os olhares estão concentrados em Telêmaco, é oportuno refletir

sobre a discrepância com a personagem muriliana.

Conclusões

Neste artigo, foi proposta uma análise de viés mitológico a partir do conto *Teleco, o coelhinho* de Murilo Rubião, em que há a narrativa de Teleco, um coelho contemplado pela arte metamórfica a cobiçar a forma humana e morrer (como uma) criança, encardida, sem dentes. O referido autor, por meio das chaves de leitura e dos rastros que deixou, fez com que se acreditasse que a narrativa de cunho mitológico de Telêmaco, em particular a exposta pela obra *Odisseia* de Homero, complementaria, em algum sentido, o conto em questão.

Com efeito, é de muita valia o que a personagem homérica pode oferecer ao conto, especialmente se se observar que, conforme diversos autores e críticos veementemente afirmam, entre eles John A. Scott (1918), o que realmente se tem nos primeiros capítulos da *Odisseia*, a Telemaquia, é uma narrativa sobre o desenvolvimento de Telêmaco, o qual se dá em vários níveis, mas, principalmente, em dois: a formação enquanto herói e enquanto homem. Existe, por assim dizer, a história de um filho à procura de seu pai, fazendo-se, no decurso, um notável guerreiro.

O esforço de tentar assimilar as heranças, o parentesco, a recepção de uma obra à outra e de uma personagem à outra consiste no que se almejou fazer ao longo do artigo, pretendendo, acima de tudo, uma literatura comparada que auxiliasse no entendimento daquilo que é acolhido ou rejeitado, é entendido, imitado, distorcido, parodiado[5] por Murilo Rubião. Todos os movimentos empreendidos pelo autor hão de ensejar possibilidades de leitura que até mesmo escapariam à pretensão original. Finalmente, tudo isso se torna ainda mais promissor à presente análise

[5] Segundo Linda Hutcheon em "Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX" (1985), o conceito de paródia, em suma, diz respeito a uma abordagem textual que difere da tradição, tal como uma repetição com certa distância crítica, de modo a acentuar a diferença ao invés da semelhança.

considerando que também parece haver um desenvolvimento em Teleco, mas um desenvolvimento que se difere daquele por que passa Telêmaco, principalmente pela natureza fantástica que apresenta. Assim sendo, este e inúmeros outros pontos de diálogo oportunizaram que se traçasse o seguinte paralelo: enquanto Telêmaco abandona a criança e se torna um homem, Teleco, por outro lado, abandona o homem e se torna uma criança, uma criança não mais com vida. E por quais razões isso se daria e que implicações traria ao ir de encontro ao conto?

Em primeiro lugar, é oportuno dizer que todas as correspondências identificadas permitem que se note, sobretudo, como pode ter se dado a leitura de obras como *Odisseia* e personagens como Telêmaco e Proteu por Murilo Rubião, transcendendo o que seria uma mera imitação ou interação com a matéria mitológica ou mesmo aquilo que se considera um estranhamento à contística. Como René Wellek (1994) já indicou ao reproduzir uma fala de Robert Lowth (1953) em seu artigo *O nome e a natureza da literatura comparada*, é necessário, para que se possa efetivamente entender uma literatura, ler tudo com os olhos do outro, avaliar tudo por suas opiniões.

Contudo, com a observação dos subtextos, já bem apontados por Sandra C. Nunes e também referenciados ao começo do artigo, tal dever se torna um pouco mais complicado; cada um deles ganha vida com o fantástico e é capaz de oferecer uma outra dimensão à contística muriliana. Enfim, o que salta aos olhos é que, sem o recurso que fornecem a obra e personagem homéricas, os quais se encaixariam perfeitamente no subtexto mitológico, outra leitura de *Teleco, o coelhinho* não teria sido possível, assim como não teria sido possível reconhecer a contribuição à interpretação do conto que proporcionaram, em especial, as questões temporais, isto é, relacionadas à idade, ao que é jovem e ao que é adulto, e as questões relacionadas à formação por que inevitável e necessariamente se passa para se tornar, de fato, um homem. Não significa que houve a pretensão de se

trazer o valor original dos objetos recortados – algo deveras impraticável no contexto das sociedades contemporâneas –, mas, sim, outras pretensões, como a de conferir sentido à vida, à existência, ou mesmo fundamentar, justificar o mundo e o homem.

Por conseguinte, pode-se pensar a diferença entre Telêmaco e Teleco, depois de tantas semelhanças que ensejaram a aproximação entre os dois, como um tópico estratégico para atrair atenção a um determinado assunto, uma oportunidade para se meditar sobre questões inerentes ao ser humano, como o existencialismo ou a inevitabilidade da morte. Até mesmo, no sentido contrário, pode-se propor, por exemplo, que não mais se encontra viva, em Telêmaco, a criança que já foi um dia, por ter cedido lugar ao ilustre homem e herói de agora, a que tantos aspiraram ou desacreditavam que fosse. Indubitavelmente, seria essa uma bela leitura sobre "o caminho de Telêmaco em sua mocidade". Isso encontra fundamento considerando que, conforme afirma Jorge L. Borges (2007) no ensaio *Kafka e seus precursores*, à medida que novas leituras são feitas, a percepção das leituras anteriores há de ser alterada. Neste caso, é possível fazer surgir uma nova leitura de Telêmaco a partir da personagem de Teleco no conto *Teleco, o coelhinho*, tão interessante quanto a que se fez de Teleco a partir das personagens Proteu e Telêmaco na obra homérica *Odisseia*.

Espera-se que tenham sido confirmados tópicos pertinentes ao conto analisado, como a destreza do autor em adquirir tantas referências, a fim de que fossem elencados vastíssimos conteúdos de modo a suscitar reflexões de várias naturezas e também como o subsídio da mitologia grega é capaz de alterar a construção de pareceres na contística muriliana, ora surgindo por meio de símbolos, ora como recurso hermenêutico, mas desempenhando papel determinante à sua compreensão. Com respeito a isso, ainda como afirma o crítico René Wellek sobre a literatura comparada, uma obra de arte, como a muriliana, é mais que uma simples soma de fontes e influências, é um conjunto "em que a matéria-prima provinda de qualquer

parte deixa de ser matéria inerte e é assimilada numa nova estrutura" (1994, p. 111).

Por isso é que a citação tem vez na contística de Murilo Rubião, o que confirmam seções como a epígrafe ou tônicas como a bíblica ou mitológica. É quando, como visto nesta análise de *Teleco, o coelhinho*, personagens como Telêmaco ou Proteu passam a proporcionar, ao ganhar vida e espaço em um novo contexto, também novos valores, novas perspectivas, isto é, a proporcionar novas leituras. Já quanto ao autor, tudo o que se sustentou permite também que seja percebido, antes de um hábil escritor, o exímio leitor que foi Murilo Rubião. Nesse ponto, vale ressaltar o que diz Jacyntho L. Brandão sobre a natureza mítica: "Não há no mito elementos vazios de sentido, tudo é intencional" (1985, p. 14). E, com base em tudo isso, também se pode defender, aqui, que nenhuma palavra, nenhuma personagem, nenhuma ação, nenhuma alusão teria surgido se a ela não houvesse um efeito específico e planejado à contística, à luz de muito tempo, esforço, estudo por parte de Murilo Rubião, sendo isso o que motivou a feitura deste artigo. A essa altura, é extraordinariamente difícil acreditar que seriam Telêmaco ou Proteu os primeiros a abrir uma exceção.

Referências

DIEL, Paul. *O simbolismo na mitologia grega*. Prefácio de Gaston Bachelard e tradução de Roberto Cacuro e Marcos Martinho dos Santos. São Paulo: Attar Editorial, 1991.

BORGES, Jorge Luis. Kafka e seus precursores. In: _____. *Outras inquisições*. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. Por que Édipo? In: *O enigma em Édipo Rei*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1985.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

DE SOUZA, José Cavalcante. A experiência do mar na "Odisséia". *ALFA: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), v. 9, p. 63-76, 1966.

DÉTIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. *Métis (As astúcias da inteligência)*. São Paulo: Odysseus, 2008.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Tradução de Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

RUBIÃO, Murilo. *Murilo Rubião – Obra completa*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

SCHWARTZ, Jorge. *Murilo Rubião: Literatura comentada.* São Paulo: Editora Abril, 1981.

SCOTT, John Adams. The journey made by Telemachus and its influence on the action of the "Odyssey". *The Classical Journal*, The Classical Association of the Middle West and South, v. 13, n. 6, p. 420-428, 1918.

WELLEK, René. O nome e a natureza da literatura comparada. In: COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tânia. *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

[i] E-mail da autora: amandaberchez@gmail.com

[ii] E-mail do autor: wellingtonlima@unifal-mg.edu.br

ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

DISCUSSÕES ACERCA DA LITERAURA NO CONTO "A BIBLIOTECA DE BABEL", DE JORGE LUIS BORGES

Discussions about literature in the short story "The library of Babel", by Jorge Luis Borges

Geniane Diamante Ferreira [i]
Universidade Estadual de Maringá

Resumo: Este artigo analisa como a literatura e a realidade são representados no conto "A Biblioteca de Babel", de Jorge Luis Borges. O artigo traz alguns temas que podem ser discutidos tomando como base o conto ora sob estudo. Faz-se, então, uma análise de como a literatura (sua produção e recepção) está ligada à realidade principalmente sob a perspectiva dos estudos de Umberto Eco que fala de como Borges, apesar da escrita conservadora, inova no campo do significado (das ideias) trazendo reflexões que conduzem a horizontes impensados.

Palavras-chave: Literatura, Jorge Luis Borges, "A Biblioteca de Babel".

Abstract: This article analyzes how literature and reality are represented in the short story "The Library of Babel", by Jorge Luis Borges. The article presents some themes that can be discussed based on the short story under study. An analysis is made of how literature (its production and reception) is linked to reality, especially from the perspective of Umberto Eco's studies, which speaks of how, despite conservative writing, Borges innovates in the field of meaning (ideas) bringing reflections that lead to unthought horizons.

Keywords: Literature, Jorge Luis Borges, "The Library of Babel"

Introdução

Jorge Luis Borges (1899-1986) foi um escritor, tradutor e crítico literário argentino. Recebeu muitos prêmios e suas obras foram traduzidas e publicadas nos Estados Unidos e em vários países da Europa. Seus livros mais famosos são "Ficções" (1944) e "O Aleph" (1949). O texto ora sob estudo é o conto "A Biblioteca de Babel" presente na obra "Ficções" e aborda temas comuns na escrita de Borges: labirintos, a ideia do infinito, do duplo, da verdade contraposta à ficção, escritores e livros fictícios.

O autor do conto afirma: "Sim, é verdade, eu não tenho nenhuma

certeza, nem a certeza da incerteza. Então, eu acho que todo pensamento é... bom, conjectural, especialmente no caso do conto" (BORGES, 2009, p. 189).

Neste conto ele trata de uma biblioteca praticamente infinita, composta de incontáveis hexágonos - dispostos em também incontáveis andares. "A cada um dos muros de cada hexágono correspondem cinco prateleiras; cada prateleira contém trinta e dois livros de formato uniforme; cada livro tem quatrocentas e dez páginas; cada página, quarenta linhas; cada linha, umas oitenta letras de cor negra" (BORGES, 2007, p. 70).

O narrador é um bibliotecário praticamente cego que conduz o leitor por esta confusa e misteriosa biblioteca. Os livros não apresentam uma ordem, pelo menos aparente, e são sobre diversos assuntos e em diferentes línguas, algumas incompreensíveis. Também não há um livro igual a outro, embora a diferença possa ser apenas um caractere.

Seus habitantes procuram um (ou 'o') significado para a existência da biblioteca, a ordem e conteúdo dos livros. Também tentam encontrar (se é que ele existe) o livro que deu origem a todos os outros.

Neste trabalho pretendemos discutir acerca da literatura contraposta à realidade em "A Biblioteca de Babel". Entretanto, é interessante notar como o mesmo conto tem servido de base para muitos estudos em diversos campos do saber. Desde discussões sobre língua, debates sobre o hipertexto, a circulação de informação na sociedade e o conhecimento em geral até matemática (principalmente no tocante à análise combinatória). Vejamos, em seguida, alguns exemplos.

Concernente à língua, podemos citar o trabalho de N. Evans e H. Sasse – "Searching for meaning in the Library of Babel: field semantics and problems of digital archiving" – que, usando textos selecionados, se dedicam a pesquisar sobre

> A assimetria do signo linguístico […], as dificuldades envolvidas em examinar parte do processo de registro, análise e tradução [...], problemas de interpretação [...], nem o problema da interpretação e do comentário, nem a solução de empregar o hipertexto, é exclusivo da nossa era [...], reunir estes

> vários tópicos retornando à questão de como isto deveria formar nossa prática na aquisição linguística.
>
> the asymmetry of the linguistic sign […], the difficulties involved by examining part of the process of recording, analysing and translating […],problems of interpretation […], that neither the problem of interpretation and commentary, nor the solution of employing hypertext, is exclusive to our era […], draw together these various threads by returning to the question of how this should shape our practice in linguistic archiving.

Acerca do hipertexto, destacamos o ensaio "A Biblioteca de Babel e a Árvore do Conhecimento", de Moisés Lemos Martins, que afirma que

> sobre os cacos de Babel e a memória do Jardim do Éden, a biblioteca figurada por Borges fazia já adivinhar a biblioteca universal hipertextual, que a digitalização e as telecomunicações tornam hoje possível. Universal porque a biblioteca é virtual de todos os documentos guardados em todas as bibliotecas do mundo, e a rede espalha-a [...] (MARTINS, p. 236, 1998)

Quanto ao modo como a informação circula na sociedade, o artigo "A Biblioteca Universal na Sociedade de Informação", de António Fidalgo, configura-se como um texto interessante. O autor discute como, em virtude das bibliotecas estarem se tornando cada vez mais virtuais, devido à digitalização das obras, o leitor obtém conhecimento hoje. Ele tem à sua disposição um número incalculável de textos, dos clássicos aos mais contemporâneos, à qualquer momento. Segundo o autor, com a quantidade de obras e horas alargadas, chegamos próximo da biblioteca universal descrita por Borges. Fidalgo afirma que hoje o mundo pode ser considerado, de fato, uma grande biblioteca e estamos, então, vivendo *nela*, assim como no conto.

Já o livro "The Unimaginable Mathematics of Borges' Library of Babel", de William G. Bloch, trata de aspectos matemáticos como análise combinatória, topologia e geometria baseado no conto de Borges.

Por fim, quando se fala em análise da literatura em si, ora objeto de estudo, há muitos trabalhos e interpretações deste conto de Borges. É o que discutiremos aqui.

A Literatura e a Biblioteca de Babel

No tocante à literatura em si, muitos estudos mostram que os autores tratam do tema de que a literatura e o mundo se confundem, já que temos que decifrar o universo, assim como fazemos com os códigos linguísticos. Consequentemente, discutem também a relação da sociedade com a escrita e a busca do conhecimento (representado por todos os livros que contêm todas as informações já registradas), ou da Verdade absoluta (o livro original, o catálogo dos catálogos, ou o Homem do Livro): "Em alguma prateleira de algum hexágono (pensaram os homens) deve existir um livro que seja a chave e o compêndio perfeito *de todos os demais*: algum bibliotecário o percorreu e é análogo a um deus" (BORGES, 2007, p. 76).

Construída como uma espécie labirinto, percebemos que o objetivo é o centro, ou sua origem. Entretanto, o objetivo se torna móvel devido à multiplicidade de pontos de vista. O que temos é apenas o do narrador, que, cego, traz incertezas.

Logo de início, o título alude a um paradoxo: a Biblioteca sugere ordem e periodicidade enquanto Babel, o caos. É sobre tal contradição que podemos ver vários aspectos do conto. Desta forma, assim como na Biblioteca/mundo do conto, não encontramos significado em tudo o que existe, e muitos enlouquecem tentando atribuir sentido a todas as coisas.

Tal contradição aparece de várias formas no texto: o tempo é ao mesmo tempo cíclico (como os meses e estações do ano) e linear (como os acontecimentos históricos), a Biblioteca é finita e infinita, ilimitada e periódica e, com isso, as pessoas ficam ao mesmo tempo alegres (por ter toda a informação do mundo disponível) e tristes (pois sabem que é quase impossível acessá-la); assim como a morte nos traz o horror e ao mesmo tempo a energia para viver.

Ao fazer isso, Borges relativiza as certezas e coloca caos e ordem lado a lado (uma Biblioteca, mas em Babel): uma desordem que se repete está em uma determinada ordem.

> Que haja algo de cosmos ainda que seja essencialmente o caos. Como pode acontecer com o universo, claro: não sabemos se é um cosmo ou um caos. Mas muitas coisa indicam que é um cosmos: temos as diversas idades do homem, os hábitos das estrelas, o crescimento das plantas, as estações, as diversas gerações também. Portanto, alguma ordem existe, mas uma ordem... com bastante pudor, bastante secreta, sim (BORGES, 2009, p.43).

Essa simultaneidade do heterogêneo é tema típico da obra do autor. É a subversão por meio de inusitadas aproximações, tornando o mundo em que vivemos menos 'automático'.

A própria ideia do infinito versus finito é questionada, pois se é infinita, qual a razão dos espelhos? Para que uma falsa multiplicação? A Biblioteca é, ao mesmo tempo, ilimitada e periódica. De forma semelhante, isso é visto até mesmo na descrição do tempo: tudo leva séculos, e às vezes para ações simples. Além disso, por ser considerada eterna pelo narrador, não podemos afirmar que haja uma teoria final que entenda a Biblioteca, pois as teorias são provisórias (sendo refutadas mais tarde) ou parciais (sendo ampliadas). Enfim, tudo o que se diz sobre a Biblioteca (ou sobre o universo) é relativo.

Assim, vemos que a língua, assim como a literatura e o próprio mundo são muitas vezes incompreensíveis e a busca por sentido pode levar à frustração: "à desmedida esperança, sucedeu, como é natural, uma depressão excessiva" (BORGES, 2007, p. 75).

A Biblioteca de Babel criada por Borges gera muito mais perguntas que respostas, ainda que toda a informação existente esteja nela: "A Biblioteca é total e todas as usa prateleiras registram todas as possíveis combinações dos vinte e tantos símbolos ortográficos [...], ou seja, tudo que é dado a se expressar: em todos os idiomas" (BORGES, 2007, p. 73).

Lefebve (1980) afirma que a literatura "abre-se sobre a totalidade do mundo, mas o que ela visa não é uma explicação: será, antes, uma tomada de consciência relativamente ao próprio ser das coisas: uma *interrogação*" (p. 121). Sim, a literatura contempla muitas vezes a dúvida, o desconhecido; ela é mesmo uma honesta interrogação e talvez esteja aí, também, muito da sua preciosidade. "A certeza de que tudo está escrito nos anula ou faz de nós fantasmas. Conheço distritos em que os jovens se prosternam diante dos livros e beijam com barbárie as páginas, mas não sabem decifrar uma única letra" (BORGES, 2007, p. 78). A Biblioteca, assim como a realidade, é, muitas vezes, inenarrável. Deste modo, o conto é, de certa forma, uma narrativa sobre as possibilidades da língua e da literatura.

Neste sentido, usamos as palavras de Guimarães Rosa, em "Tutaméia", "o livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber" (2001, p. 40); e as de Clarice Lispector, em "A Paixão Segundo G.H.", "Eu tenho à medida que designo - e esse é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar" (1998, p.176).

A busca pela verdade da Biblioteca, assim como no mundo, leva a atos extremos: inquisitores, seitas, autoridades queimando livros 'inúteis'. (BORGES, 2007, p. 74-5). No entanto, a destruição é infinitesimal se comparada à extensão da Biblioteca, ou seja, tanto construir quanto destruir sentido parecem ser ações inúteis; talvez uma metáfora da prisão/condição humana.

De qualquer forma, é muito interessante notar que quem conduz o leitor para dirimir algumas dúvidas e conhecer e entender a Biblioteca é o narrador – um bibliotecário ironicamente quase cego – que usa como que os fios de Ariadne para tal direcionamento.

Assim como o conto de Borges ora sob tela, a história dos fios de Ariadne têm servido como base para estudos em diversos campos: na matemática, principalmente o que tange a criação de algoritmos, além de métodos de pesquisa, e, é claro, da filosofia e literatura.

Trata-se do mito grego da lenda de Ariadne, princesa de Creta, que

se apaixona por Teseu, sendo este enviado a Creta como sacrifício ao Minotauro, habitante do labirinto muito bem projetado por Dédalo. Quem nele entrasse, não conseguiria mais sair e seria devorado pelo Minotauro. Contudo, o Oráculo de Delfos disse a Teseu que poderia desvendar a saída do labirinto se ajudado pelo amor.

Ariadne, por sua vez, disse que o ajudaria. Teseu, não vendo outra possibilidade, aceitou, embora não correspondesse o amor que Ariadne nutria por ele. Assim, ela lhe entregou uma espada e um fio de lã que ela ficaria segurando em uma das pontas para que ele achasse a saída. Embora Teseu tenha saído vitorioso, por fim, Ariadne e Teseu não se casam, como ela havia pedido, e ela se torna esposa de Dionísio.

Hoje, como dissemos, a história da linha de Ariadne e Teseu é usada para descrever a resolução de um problema de lógica, um dilema ético, entre outras situações em que haja várias possibilidades a serem escolhidas.

Quanto a este estudo, podemos dizer que o narrador de "A Biblioteca de Babel" usa o método de Ariadne para conduzir o leitor. Embora a Biblioteca seja infinita (ou praticamente infinita) e haja incontáveis galerias hexagonais, ele direciona o leitor com uma explicação quase didática de como ela é construída e de como funciona.

A partir da classificação de Genette, Aguiar e Silva apresenta uma classificação do narrador. Em "A Biblioteca de Babel", o narrador autodiegético (aquele que é co-referencial com o protagonista) descreve a Biblioteca e como ela funciona em primeira pessoa: "Como todos os homens da Biblioteca, viajei em minha mocidade; peregrinei em busca de um livro, talvez o catálogo dos catálogos; agora que meus olhos quase não podem decifrar o que escrevo, preparo-me para morrer a umas poucas léguas do hexágono que nasci" (BORGES, 2007, p. 70).

Entretanto, o que é muito significativo é que no texto aparece uma Nota do Editor (BORGES, 2007, p. 71), o que dá a entender que o conto também faz parte da Biblioteca e que outro escritor editou o texto que ora se lê. Isso dá, novamente, a ideia do infinito, pois o narrador teve seu texto

revisado e/ou traduzido por outrem, que também pode ter recebido revisão de outro e assim por diante. "[...] eu prefiro sonhar que as superfícies polidas figuram e prometem o infinito..." (BORGES, 2007, p. 69).

Por outro lado, segundo Umberto Eco, Borges, diferentemente de Joyce, "não colocou a linguagem em crise" (2003, p. 107), uma vez que seu texto tem estrutura conservadora. Entretanto, ele trabalha, sim, com experimentalismo linguístico, mas no plano do significado, (e não do significante, como Joyce), "jogando com as ideias, levando, portanto, as palavras a tocar novos e impensados horizontes" (2003, p. 108).

Assim, a questão de tratar do infinito, entre outros assuntos delirantes, e colocar isso também na forma de narrar faz com o leitor alcance mesmo "impensados horizontes".

Umberto Eco (1932-2016), como vimos, foi leitor de Borges e chega a dizer que, sem ter lido este autor, não teria sido capaz de escrever seu livro mais famoso, "O Nome da Rosa". Nele, Eco homenageia Borges com uma personagem chamada Jorge de Burgos, que é cego, assim como Borges foi se tornando, e, além disso, a biblioteca que serve como pano de fundo é inspirada naquela do conto "A Biblioteca de Babel".

Em seu livro "Sobre a Literatura", Eco dedica uma boa parte para discutir a escrita de Borges. Contrapondo a biblioteca de Cervantes e a de Borges, ele diz que a primeira é uma biblioteca da qual se sai, enquanto a segunda não. Segundo ele, Borges "decidiu que sua biblioteca era como o universo – e compreende-se, portanto, por que não mais sentiu a necessidade de sair de lá" (p. 101).

Além disso, a Biblioteca de Borges, diferente de tantas outras descritas na literatura, é infinita e, mais que isso, não tem sequer um livro igual ao outro e ainda tem todas as combinações possíveis de 25 caracteres, em todas as línguas. Tais combinações nos remetem ao teorema do macaco datilógrafo (ou do macaco infinito) que estabelece que se colocarmos um macaco imortal diante de uma máquina de escrever e o macaco teclar aleatoriamente por um tempo infinito, todas as obras já existentes seriam

escritas. Na verdade, trata-se de uma metáfora para algo que produza infinitamente uma sequência aleatória de letras.

Tendo isso feito, a criação final (após todas as combinações possíveis) seria o próprio mundo (ou mundos) possível: "A idéia da Biblioteca de Babel uniu-se desde então àquela igualmente vertiginosa da pluralidade dos Mundos Possíveis, e a fantasia de Borges foi inspirar, em parte, o cálculo formal da lógica modal". Neste sentido, a Biblioteca de Borges "assemelha-se curiosamente à biblioteca de Dom Quixote, que era a biblioteca de histórias impossíveis que se desenrolam em mundos possíveis, nos quais o leitor via *diluir-se o sentidos entre ficção e realidade*" (ECO, 2003, p. 106, grifos nossos).

Esta questão do limite tênue entre realidade e ficção também foi discutida por Antonio Candido. Justificar o romance como literatura de imaginação é tratado por ele em seu livro "A Educação pela Noite". É muito interessante a história que ele conta do cônego François Langlois – Facan – que, em 1926, escreveu um pequeno livro que, usando da dialética, pretendia "condenar um gênero suspeito, e assim tranquilizar as autoridades, mas em seguida reabilitá-lo, sob pretexto de oferecer a contrapartida lógica da argumentação" (CANDIDO, 2003, p. 92).

Para "condenar o gênero suspeito", Facan afirma que "o real é mais importante que o fictício, além disso, seria moralmente melhor" (CANDIDO, 2003, p. 94); já para "reabilitá-lo" ele sabiamente defende que o romance é um remédio camuflado e que "assim como o médico doura a pílula ou esconde a lanceta na esponja, o romancista enrola a verdade na fantasia; e nos dois casos o engano é para o nosso bem. Por outras palavras, a mentira pode ser às vezes um auxiliar da verdade, e isto a justifica" (CANDIDO, 2003, p. 97).

Assim, a Biblioteca de Babel descrita por Borges também ultrapassa os limites da realidade e fantasia, uma vez que ela é o próprio mundo do qual não se pode sair. Vejamos que no próprio título do livro no qual se encontra o conto temos uma confusão entre o real e o imaginário: "Ficções",

mas que são narradas como fatos. Apesar de a narrativa ser estruturada, a história leva ao inefável, não há exatamente um enredo, porque a linguagem não consegue abarcar todas as questões levantadas. A intriga não é o aspecto principal da narrativa, mas o mergulho no abismo da Biblioteca, ou das experiências incomunicáveis.

O próprio Borges coloca isso como um axioma: "a Biblioteca existe *ab aeterno*. Dessa verdade cujo corolário imediato é a eternidade futura do mundo, nenhuma mente razoável pode duvidar" (BORGES, 2007, p. 71).

Não só a literatura, mas o próprio ato de escrever é às vezes incompreensível: "As obras literárias nos convidam à liberdade de interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem e da vida" (ECO, 2003, p.12), ou seja, "Falar é incorrer em tautologias" (BORGES, 2007, p. 77).

Desta forma, diante de tantas ambiguidades vemos que o mundo, assim como a literatura é de difícil compreensão e classificação, o que faz com que o leitor seja, de certo modo, a personagem principal em busca de tal compreensão: "O verdadeiro herói da Biblioteca de Babel não é a própria Biblioteca, mas o seu Leitor, novo Dom Quixote, móvel, aventuroso, incansavelmente inventivo, alquimicamente combinatório, capaz de dominar os moinhos de vento que faz rodar ao infinito" (ECO, 2003, p. 111). Nas palavras do próprio Borges, "milhares de cobiçosos abandonaram o doce hexágono natal e se lançaram escadas acima, instados pelo *vão* propósito de encontrar sua Vindicação" (BORGES, 2007, p. 74, grifo nosso).

Segundo Costa Lima (1980), "Em Borges, literatura e realidade estreitam seus laços e dizer de uma é falar da outra" (p. 237). Ocorre que sob este aspecto conseguimos conferir características do universo a um grupo de palavras.

Esta concepção do infinito colocada por Borges – tanto do mundo, figurado pela extensão da Biblioteca, quanto das ideias, ou da literatura, figurado pela quantidade de livros contida nela – nos leva a pensar que "os livros falam entre si" (ECO, 2003, p. 116). Se eles coexistem não podemos

deixar de pensar que eles se influenciam.

> Fala-se muito, em relação à última forma do experimentalismo contemporâneo, o pós modernismo, de jogo da intertextualidade. Mas Borges superou a intertextualidade para antecipar a era da hipertextualidade, na qual não somente um livro fala do outro, mas também se pode, do interior de um livro, penetrar em outro. ECO, 2003, p. 111).

Por várias páginas do capítulo "Borges e a Minha Angústia da Influência" (que por já no título traz uma trama em si, visto que a expressão 'angústia da influência' é o título de um texto de Harold Bloom) Eco mostra exemplos destas 'inter-influências' entre diversos autores – incluindo o próprio Eco. Mas é interessante notar que, ao fim, ele de certa forma conclui: "Por vezes a influência mais profunda é aquela que se descobre depois, não aquela que se descobre imediatamente" (ECO, 2003, p. 125). Ou seja, há temas comuns em determinados períodos porque os autores estão sob a mesma realidade.

Assim, a realidade é sempre tema para a literatura, então não há como dizer que elas não se interpenetram, pois é "O *universo* (*que outros chamam a Biblioteca*) [...]" (BORGES, 2007, p. 69, grifos nossos). Ao representar o mundo como uma Biblioteca, Borges une o mundo e a arte, sendo, deste modo, indissociáveis, como na verdade o são.

Considerações finais

Nas palavras de Eco, "Borges é um autor que falou de tudo. Não se pode apontar na história da cultura um tema sobre o qual Borges não tenha se detido, mesmo que apenas por um momento" (ECO, 2003, p. 122). Em "A Biblioteca de Babel", no entanto, ele, de certo modo, abordou todos os temas do mundo e o próprio mundo que os contém. Na verdade, neste conto ele apaga o limite entre a literatura e a realidade e faz com que os dois se tornem um; às vezes conseguimos distingui-los, ainda que juntos, às

vezes não.

Como dissemos, há vários temas que podem ser discutidos a partir da Biblioteca criada por Borges; como vimos, até a matemática (que parece estar totalmente oposta à literatura). Mas não. O exato e o inexato estão juntos no mundo assim como na Biblioteca e os assuntos que dela emanam e mesmo a própria forma infinita com que é construída. Ao ler, tateamos (como o narrador propositadamente quase cego) um caminho para responder a interrogação do mundo e da literatura.

A própria língua e o ato de escrever são postos à prova: são muitas vezes incompreensíveis. Assim como no texto, o significado, com seu "elemento atômico", leva sempre a uma ideia, ou a outro significado. Assim como a Biblioteca, o próprio conto (tendo sido editado) e o universo tendem ao infinito.

"A espécie humana – a única – está em vias de extinção e a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta" (BORGES, 2007, p. 78). Eis a vida humana representada pela busca por sua compreensão, mas não importa descobrir, mas especular, conjecturar.

Referências

AGUIAR E SILVA, V. M. **Teoria da Literatura.** 8ª. ed. Coimbra: Almedina, 1988.

BLOCH, William Goldbloom. **The unimaginable mathematics of Borges' Library of Babel**. Oxford University Press, 2008.

BORGES, Jorge Luis. FERRARI, Osvaldo. **Sobre Sonhos e outros Diálogos**. São Paulo: Hedra, 2009.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Trad. Davi Arrigucci Jr. Saõ Paulo: Comapnhia das Letras, 2007.

CANDIDO, A. **A Educação pela Noite**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA LIMA, Luis. **Mímesis e Modernidade: formas das sombras**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

ECO, Umberto. **Sobre a Literatura**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

EVANS, Nicholas; SASSE, Hans-Jürgen. **Searching for meaning in the Library of Babel: field semantics and problems of digital archiving**. Disponível em: https://ses.library.usyd.edu.au/bitstream/2123/1509/1/EvansSasse_paper_rev1.pdf. Acesso em 10.02.2017

FIDALGO, António. "A Biblioteca Universal na Sociedade de Informação. **Universidade da Beira Interior,< http://ubista. ubi. pt/>[08/07/1999] e Revista Comunicação e Linguagens**, v. 25, p. 281-288, 1999. Acesso em 10.02.2017

GUIMARÃES ROSA, J. **Tutaméia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LEFEBVE, Maurice-Jean. **Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa**. Coimbra: Almedina, 1980.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARTINS, Moisés de Lemos. A biblioteca de Babel e a árvore do conhecimento. **O escritor**, n. 11-12, p. 235-240, 1998.

TEIXEIRA, Heurisgleides Sousa. **Concepções de tempo e memória em Jorge Luís Borges: uma análise dos contos "Funes, el memorioso" e "La biblioteca de Babel"**. 2010. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista.

[i] E-mail da autora: geniane.ferreira@uol.com.br

ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

TEN HACKEN, Pius PANOCOVÁ, Renáta (orgs.). *Word Formation and Transparency in Medical English*. Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2015[1].

Bruno Maroneze (UFGD)[i]
Universidade federal da Grande Dourados

"Word Formation and Transparency in Medical English", organizado por Pius ten Hacken e Renáta Panocová, contém oito capítulos (além da introdução) sobre a terminologia médica em língua inglesa, divididos em duas partes: os quatro primeiros capítulos têm foco na perspectiva monolíngue e os quatro últimos tratam de questões de tradução. Como se lê na introdução, a maioria dos capítulos "se baseia em apresentações no Seminário 'Word formation and transparency in Medical English', organizado pelos organizadores deste volume na 12.ª Conferência da Sociedade Europeia para o Estudo do Inglês (ESSE) em Košice" (p. 10, tradução nossa[2]). O volume não traz informações biográficas sobre os autores de cada capítulo.

A linguagem médica é um campo de pesquisa importante na Linguística atual, englobando estudos sobre as interações médico-paciente e sobre questões morfológicas e lexicais (como este volume).

Na introdução, os organizadores explicam o que eles entendem por "Linguagem Médica", "Formação de Palavras" e "Transparência", conceitos que serão importantes na maioria dos capítulos (se não em todos).

---

[1] Esta resenha foi publicada originalmente em inglês, no site LINGUIST LIST (https://linguistlist.org/issues/28/28-79.html).

[2] No original: "are based on presentations at the Seminar 'Word formation and transparency in Medical English', organized by the editors at the 12th Conference of the European Society for the Study of English (ESSE) in Košice".

Na língua inglesa, a unidade lexical *language* engloba os conceitos tanto de "língua" quanto de "linguagem". Por essa razão, os autores julgam necessário explicar por que a linguagem médica ("medical language" em inglês) não é uma língua no mesmo sentido em que a língua inglesa ("English language") o é. À p. 3, buscam o conceito de "sublanguage" para concluir que a "English medical language" (língua inglesa médica, numa tradução livre) é uma "sublanguage" da língua inglesa.

Em relação à formação de palavras, os autores a definem como "um sistema de regras que pode produzir novas palavras com base em itens lexicais existentes" (tradução nossa[3]). Os autores assumem, assim, a posição de que a formação de palavras é baseada na aplicação de regras, concepção conhecida na literatura como "item-e-processo" (cf., por exemplo, Maroneze, 2011, pp. 29-30).

Por fim, a transparência é apresentada como se opondo à motivação e à iconicidade: "O grau de motivação diz respeito ao quanto o *falante* é levado a usar essa expressão para o instrumento ao qual ela se refere" (p. 7, tradução nossa[4]), enquanto "o grau de transparência diz respeito ao quanto o *leitor* ou o *ouvinte* é ajudado pela forma na tarefa de determinar o significado" (p. 7, tradução e itálicos nossos[5]). A iconicidade é a ideia de que "conceitos mais complexos têm nomes mais longos" (p. 7, tradução nossa[6]) e independe de falante e ouvinte.

No primeiro capítulo, intitulado "Taxonomy and Transparency in International Pharmaceutical Nomenclature" (em tradução livre: Taxonomia e Transparência na Nomenclatura Farmacêutica Internacional), Rachel Bryan descreve o sistema de nomeação empregado pela Organização Mundial de Saúde para criar os nomes não-proprietários internacionais (International Nonproprietary Names – INN). Após essa descrição muito minuciosa, a autora discute a importância da transparência nesse sistema.

[3] No original: "is a system of rules that can produce new words on the basis of existing lexical items".
[4] No original: "The degree of motivation concerns the extent to which the *speaker* [itálico nosso] is guided to use this expression for the instrument it refers to".
[5] No original: "The degree of transparency concerns the extent to which the *reader* or *hearer* [itálicos nossos] is helped by the form in the task of determining the meaning".
[6] No original: "more complex concepts have longer names".

O capítulo dois é intitulado "Term Variation in the Psychiatric Domain: Transparency and Multidimensionality" (em tradução livre: Variação Terminológica no Domínio Psiquiátrico: Transparência e Multidimensionalidade), escrito por Pilar León-Araúz. A autora correlaciona a variação terminológica e a transparência numa coleção de termos que denotam condições psiquiátricas, mostrando que as variantes ativam diferentes dimensões de motivação, como "descobridor", "sintoma", "causa", resultado" etc.

Pius ten Hacken, no capítulo três ("Naming Devices in Middle-Ear Surgery: a Morphological Analysis" – em tradução livre: Dispositivos de Nomeação na Cirurgia do Ouvido Médio: uma Análise Morfológica), correlaciona a estrutura morfológica e a transparência num conjunto de termos do domínio da cirurgia do ouvido médio. Ele enfatiza a distinção entre transparência e motivação, relacionando a transparência às regras de redundância de Ray Jackendoff (1975), além de mostrar possíveis correspondências entre a transparência e as estruturas dos compostos. Também enfatiza a importância do conhecimento do domínio na avaliação da transparência.

O capítulo quatro, "Transparency and Use of Neoclassical Word Formation in Medical English" (em tradução livre: Transparência e Uso de Formação de Palavras Neoclássica no Inglês Médico), escrito por Renáta Panocová, também trata da correlação entre transparência e morfologia, mas com foco na formação de palavras neoclássica (ou seja, com o emprego de radicais gregos e latinos). A autora propõe um *continuum* de transparência: termos neoclássicos são a estrutura mais transparente, seguida por seus equivalentes em inglês; as abreviações e, por último, os epônimos, são menos transparentes.

Os quatro últimos capítulos abordam o inglês em comparação com outras línguas. No capítulo cinco, "Transparency of Nominal Compounds in Medical English: Problems in their Translation into Spanish and Slovak" (em tradução livre: Transparência de Compostos Nominais no Inglês Médico: Problemas na sua Tradução para o Espanhol e o Eslovaco"), escrito por Nina Patton, María

Fernández Parra e Rocío Pérez Tattam, as autoras propõem uma categorização semântica para compostos Substantivo + Substantivo em Inglês e tentam correlacionar essas categorias com a forma pela qual cada composto é traduzido para o espanhol e o eslovaco. "Os resultados parecem sugerir que há um elo entre a relação semântica do composto em inglês e a estrutura sintática da tradução" (p. 119, tradução nossa[7]).

O capítulo seis "Word Formation Strategies in Translated Popular Medical Texts in Turkey" (em tradução livre: Estratégias de Formação de Palavras em Textos Médicos Populares Traduzidos na Turquia), de Sevda Pekcoşkun, também se dedica fortemente a questões de tradução, especialmente na questão de traduzir textos médicos populares. O empréstimo é o procedimento de tradução mais empregado no córpus estudado. O autor também emprega um questionário *online* para identificar a recepção dos equivalentes traduzidos pelo público geral.

Os dois últimos capítulos dedicam-se ao inglês em comparação com o polonês. O capítulo sete "Compression as a Factor behind the Borrowing of English Medical Terminology into Polish" (em tradução livre: Compressão como um Fator por trás do Empréstimo de Terminologia Médica Inglesa no Polonês), de Mariusz Górnicz, traz o conceito de compressão, que, em terminologia, "refere-se à condensação da estrutura superficial de um termo em relação ao seu conteúdo conceptual" (p. 161, tradução nossa[8]). A tese principal do capítulo é que o empréstimo do inglês ao polonês é favorecido se as estruturas do inglês apresentam tipos de compressão que são difíceis de traduzir em polonês.

O capítulo oito, o último, tem por título "Compounding Properties and Translation Methods of Terms in the Domain of Infectious Diseases" (em tradução livre: Propriedades de Composição e Métodos de Tradução de Termos no Domínio das Doenças Infecciosas), escrito por Szymon Machowski. O autor

[7] No original: "The results seem to suggest that there is a link between the semantic relation of the English compound and the syntactic structure of the translation".
[8] No original: "... refers to the condensation of a term's surface structure relative to its conceptual content".

analisa palavras compostas em inglês, no domínio estudado, quanto às dimensões onomasiológica e formal (morfológica); em seguida, ele observa os equivalentes em polonês e encontra algumas tendências, como o fato de que "alguns compostos neoclássicos ingleses podem ser traduzidos quase literalmente em polonês usando compostos altamente coesivos"[9] (p. 195, tradução nossa).

As últimas páginas do livro apresentam a lista dos autores que colaboraram (p. 201) e um índice de autores (p. 203-209).

Como é frequente no caso de livros organizados, cada capítulo pode ser avaliado por si mesmo, embora algumas características comuns possam ser apontadas. Em relação às características comuns e gerais, deve ser apontado que o livro representa uma contribuição importante para o estudo da transparência. Linguistas e terminológos que precisam lidar com o conceito de transparência e suas consequências na semântica lexical (e terminológica) encontrarão na obra muitos exemplos e apoio teórico.

Outro aspecto importante do livro é que ele contribui para tornar públicos, em língua inglesa, os trabalhos de muitos linguistas da Europa Oriental, como Juraj Furdík (2008) e Ján Horecký (1982), citados no capítulo quatro, entre outros.

Embora a maioria dos capítulos apresentem uma forte preocupação com a teoria morfológica e sua relação com a semântica, o capítulo cinco, especialmente, apresenta uma lista bastante detalhada de relações semânticas entre os constituintes de uma palavra composta, adaptada das ideias de Jackendoff (2010), que também pode servir como uma metodologia para pesquisas posteriores com outras línguas. Também é importante notar que o rigor metodológico é outra característica importante presente em todas as contribuições da obra.

Como é comum em algumas abordagens da Terminologia, alguns capítulos, especialmente aqueles que tratam de questões ligadas à tradução, têm

[9] No original: "a number of English neoclassical compounds can be almost literally translated into Polish using highly cohesive compounds".

uma orientação prescritiva. Isso é particularmente evidente no capítulo sete: "Espera-se que a ciência descreva o mundo de uma maneira objetiva e, assim, os veículos desta descrição, ou seja, os termos, devem ser precisos, objetivos e imparciais" (p. 166, tradução nossa[10]). O autor apresenta essas ideias prescritivas no contexto de uma discussão sobre termos metafóricos. Deve-se apontar, entretanto, que a teoria da Terminologia, especialmente a desenvolvida após trabalhos como o de Rita Temmerman (2000), reconhece a importância da metáfora no discurso científico, embora o assunto ainda seja controverso.

Embora as contribuições da obra sejam descritivamente minuciosas em termos de metodologia e resultados, é importante notar que, num nível teórico, as discussões sobre o conceito de transparência certamente seriam enriquecidas com um estudo mais aprofundado sobre outro conceito relacionado, o da *composicionalidade*. O fato de um termo composto ser mais ou menos transparente está relacionado à facilidade de "calcular" o significado do todo a partir do significado das partes. Por exemplo, no capítulo quatro, Panocová apresenta uma descrição em quatro dimensões dos termos sinônimos *otitis externa* e *swimmer's ear* ("ouvido de nadador"), argumentando que ambos compartilham os traços semânticos "Processo de infecção que afeta o ouvido", e que o segundo termo acrescenta o traço semântico "típico de pessoas que nadam com frequência". No entanto, é possível refutar este argumento afirmando que nada na expressão *swimmer's ear* se refere a uma infecção (poderia ser uma condição cosmética, como o "peito de sapateiro", sinônimo de *pectus excavatum*). A interpretação de *swimmer's ear* não é, portanto, plenamente composicional; poderia também ser considerada não-transparente por causa disso? Seria a transparência um reflexo onomasiológico da composicionalidade (conceitual)? Em que sentido os dois conceitos são relacionados? No capítulo sete, Górnicz cita uma Norma ISO que define a transparência como a situação na qual "o significado de um termo pode

[10] No original: "Science is supposed to describe the world in an objective manner and so the vehicles of this description, i.e. terms, ought to be precise, objective and impartial".

ser deduzido de suas partes" (p. 161, tradução nossa[11]), uma definição notadamente semelhante à de composicionalidade. Discussões teóricas como essa infelizmente estão ausentes da obra.

Por fim, este resenhista também gostaria de apontar duas questões específicas do capítulo um, que não comprometem a qualidade do trabalho: inicialmente, a autora afirma que "na antiguidade, os remédios eram denominados a partir dos deuses, por exemplo, morfina a partir de Morfeu, o deus dos sonhos, e anandamida a partir do sânscrito Ananda, 'felicidade, deleite' (OED)" (p. 13, tradução nossa[12]). No entanto, essas duas substâncias mencionadas foram isoladas e receberam seus nomes apenas nos séculos XIX e XX, respectivamente (cf. Alban, s/d e Mandal, 2013). Em segundo lugar, na descrição dos elementos da nomenclatura INN (p. 19), a autora menciona um "prefixo aleatório, fantasioso" ("random, fantasy prefix") e, em seguida, algumas linhas abaixo, refere-se a esse prefixo como um "prefixo sem significado" ("meaningless prefix"). Seria talvez mais adequado referir-se a ele como um prefixo arbitrário, imotivado, já que se poderia argumentar que ele de fato acrescenta algum tipo de significado.

A obra "Word Formation and Transparency in Medical English", dessa forma, é um trabalho importante para a discussão sobre transparência nos estudos lexicais e terminológicos, especialmente pelo rigor descritivo e metodológico de seus capítulos.

Referências

ALBAN, Deane. Anandamide: putting the bliss molecule to work for your brain. **Reset.me**. s/d. Disponível em: <http://reset.me/story/anandamide-putting-the-bliss-molecule-to-work-for-your-brain/>. Acesso em 21.jul.2017.

[11] No original: "the meaning of a term of appellation can be deduced from its parts".
[12] No original: "In antiquity, medications were named after the gods, e.g. morphine after Morpheus, the god of dreams and anandamide after Sanskrit Ananda, 'bliss, delight' (OED)".

FURDÍK, Juraj. **Teória lexikálnej motivácie v slovnej zásobe** [Teoria da motivação lexical no léxico]. Ološtiak, Martin (ed.). Košice: vydavatel'stvo LG, 2008.

HORECKÝ, Ján. Systémový prístup k terminológii [Abordagem sistêmica da terminologia]. **Kultúra slova**, v. 16, pp. 333-338, 1982.

JACKENDOFF, Ray. Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon. **Language**, v. 51, pp. 639-671, 1975.

JACKENDOFF, Ray. **Meaning and the Lexicon**: The Parallel Architecture 1975-2010. Oxford: Oxford University Press, 2010.

MANDAL, Ananya. Morphine History. **News-Medical.Net**. 27 out. 2013. Disponível em: <http://www.news-medical.net/health/Morphine-History.aspx>. Acesso em 21.jul.2017.

MARONEZE, Bruno. **Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades lexicais neológicas**. 2011. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TEMMERMAN, Rita. **Towards New Ways of Terminology Description**: The Sociocognitive Approach. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins, 2000.

[i] maronezebruno@yahoo.com.br

ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

MINIMA

Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque[i]
Universidade Federal de São Paulo (Campus Guarulhos)

Uma pessoa mínima,
Uma ação pífia
Uma "coisa" artística
Uma obra prima

Entendimentos poucos
Interpretação sua
A obra minha
Coisa de loucos

Entendeu?
Não
Então você entendeu,
Entendeu?

Mínimo, não de pequeno,
Nem de preço
Mas de pouco
Esforço...

Minimalismo é isto
O que está feito
Sem explicações
Sem defeito

Eu te pergunto:
O que é isso?
Você me diz:
É isto, já está pronto...

Parece lixo,

Parece resto,
Parece mas não é
Um simples objeto!

Duchamp que o diga...
Artistas construtivistas
Bauhaus e a premissa
De uma arte futurista

Ready-mades
Quase-objetos
Objetos artísticos
Enfeites decorativos

Vocês precisam saber
Como é difícil
Explicar tudo isso
Para os "meninos"

Arte não é fácil
Não serve para nada na vida
Por que tenho que aprender
Educação Artística?

É o que eu ouço sempre
Dos estudantes descontentes,
Mas o que eu precisava era só do mínimo
Para lhes ensinar o que é o Minimalismo.

[i] fellipe.eloy@gmail.com